

1928 - 13
09

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE
LETRAS

ANO: 1928 – ANO: VII - Nº 13

REVISTA DO CENTRO MATTOGROSSENSE DE LETRAS

Janeiro a Junho de 1928

NUMERO XIII

Publicação



Semestral

SUMMARIO

- Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras—*D. Aquino Corrêa*.
Da Imitação de Christo—tradução em verso—*Augusto Cavalcanti*.
Sessão de recepção em 17 de Setembro de 1927:
Discurso de posse—*Allyrio de Figueiredo*.
Discurso de recepção—*Cesario Netto*.
Tarde de inverno—poesia—*Oscarino Ramos*.
A marcha das horas—soneto—*Franklin Cassiano*.
Chromo de villa—*Cesario Prado*.
Homenagem posthuma—*Augusto Cavalcanti*.
Mentira—Tumulo esquecido—sonetos—*Octavio Cunha*.
Guanabara—poesia—*Castro Brasil*.
Lolôta—*José de Mesquita*.
Francisco M. Wanderley—*Estevão de Mendonça*.
Nuno de Andrade—conferencia—*Isac Póvoas*.
Paginas dos Mestres:—
Com a Academia—*Carlos de Laet*.
Paginas contemporaneas:
A posse de D. Aquino—*V. Corrêa Filho*.
Paginas esquecidas:
Tiradentes—*Flavio C. de Mattes*.
Paginas dos novos:
A Moacyr de Almeida—*Oreste Miraglia*.
Contribuição para a bibliographia mattogrossense (conclusão)
Relatorio do anno social 1926—1927
Publicações recebidas.

Esc. Prof. Salesianas—Cuiabá

3.000

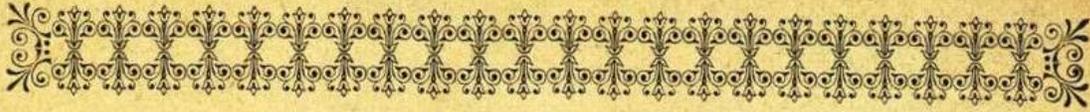
DISCURSO DE RECEPÇÃO

DO

Arcebispo D. Aquino Corrêa

NA

Academia Brasileira de Letras



Senhores

TRISTE e paradoxal condição é, de quem entra para a immortalidade das academias, depararem-se-lhe, desde logo, os trophéus da morte, no vestibulo desses olympos terrestres, onde se não devêra respirar, senão o perfume das coisas eternas, como as ambrosias, os nectares e os louros.

Assim é também hoje, neste salão azul, côm das atmospheras sideraes, em que vejo scintillar na doce attracção dos affectos superiores, a mais formosa constellação de intellectuaes da minha Patria, lembrando-me o verso sagrado do florentino:

Luce intellettüal piena d'amore!

Mas emquanto se me enleva o espirito, na contemplação do suave symbolismo ambiente, eis que se lhe impõe o dever de attentar numa poltrona vazia, sobre a qual pairam, niveladas aos mortaes, as sombras de quatro semideuses da Academia. E eu me quedo a reflectir melancholicamente no contraste immenso que ahi vai, com a divina legenda a irradiar, lado a lado, neste olympico scenario, á maneira de via-lactea luminosa: *Ad immortalitatem!*

Nisto uma voz do além-tumulo, voz de um desses manes protectores desta cadeira, murmura-me aos ouvidos os celebres carmes, conhecidos desde a infancia:

Porque choras, Fileno? Enxuga o pranto,
Que rega o teu semblante, onde a amizade
De seus dedos gravou o terno toque.

Ah! não queiras cortar minha esperança,
E de dôr embeber minha alegria.

Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os frouxos membros,
Nos abysmos do nada inescrutaveis,
Vai de todo afogar minha existencia?
E' outro o meu destino, outra a promessa
Do espirito, que em mim vive e me anima.

A horrenda sepultura
 Conter não pode a luz brilhante e pura,
 Que soberana rege o corpo inerte.

Nem assim, entretanto, se me tranquilliza a mente, porquanto essa não pode sêr a immortalidade, com que acenam as academias, sendo ella, como é, apanagio de todos os espiritos, tanto daquelles, sobre os quaes resplandecerá numa aureola, como daquelloutros, que á semelhança de Callypso em sua ilha solitaria, sentirão a desgraça da immortalidade: *malheureuse d'être immortelle*.

Lembram-me então as oitavas epicas, em que o poeta dos Lusíadas tão bem define a immortalidade conferida pelos homens. Oíçamol-o:

As immortalidades que fingia
 A antiguidade, que os illustres ama,
 Lá no estellante olympo, a quem subia
 Sobre as azas inclitas da fama,
 Por obras valerosas que fazia,
 Pelo trabalho immenso que se chama
 Caminho da virtude alto e fragoso,
 Mas, no fim, doce, alegre e delectoso,
 Não eram senão premios que reparte,
 Por feitos immortaes e soberanos,
 O mundo com os varões, que esforço e arte
 Divinos os fizeram sendo humanos;
 Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,
 Enéas e Quirino, e os dous Thebanos,
 Ceres, Pallas e Juno com Diana,
 Todos foram de fraca carne humana.

Tal é a immortalidade que, á semelhança da arvore da vida em meio ao paraiso terreal, floresce no mundo, através dos seculos, ao bafejo da aura gloriosa da posteridade. Esta é a que tambem aqui viça nesta casa, e á sombra das suas frondes immarcesciveis, como aquelles vates que Virgilio nos pinta sob o arvoredo sempre em flôr dos Campos Elysios, vivem os grandes, que, mortos embora, a Academia sagrou com o sello da sua eleição e da sua gloria.

Dentre elles avulta hoje, a figura empolgante daquelle, em torno a cuja cadeira deserta, ha um anno atrás, aqui se emprazavam os seus confrades, numa expressiva "sessão de saudades", e

á honra de cuja memoria, hoje aqui nos achamos novamente reunidos, entre sorrisos e luzes, para o rito solenne das apotheoses.

DO BERÇO Á REPUBLICA

Senhores:

O inclito socio, para quem hoje aqui se enflora de homenagens o pantheão da Academia, parece têr já trazido no proprio nome, a predestinação aos laureis da immortalidade: Lauro.

Sahido embora de humildes origens, fez-se um nome nacional, que passou á historia, glorificando o Brasil, e especialmente o cespede feliz, em que se lhe embalou o berço.

Foi este, como sabeis, o sympathico Estado, que ainda hoje irradia os esplendores do nome christão da sua historia, engalanado, para sempre, em lirios de virgindade e palmas de martyrio: Santa Catharina.

E' a poetica terra das dunas alvas, sorrindo ao sol das praias, por onde, como um solitario de esmeralda, a formosa ilha, em que lhe floresce a Capital, se engasta ao continente, por entre o coilar de perolas das atlanticas espumas.

E' a terra historica, donde na antemanhã da nacionalidade, partiram os primeiros conquistadores, que devassaram os sertões austraes do meu Estado natal, na derrota phantastica para os sonhos do Eldorado.

Fecundado pelo sangue dos seus primeiros colonos, numa tragedia barbara e nefanda, o solo catharinense produziu esse povo, em que se diria perdurar a tempera rija de um dos seus antepassados, o insulano dos Açores, affeito á vida numa terra instavel, que vibra em terremotos á flôr dos mares infinitos. Daqui talvez, a tenacidade e coragem dos seus filhos, immortalizada na bravura indomita dos "barrigas-verdes"; daqui talvez, a habilidade dos seus politicos, em meio aos maremotos das paixões humanas; daqui, emfim, a inspiração dos seus homens de letras, em que parece reflectirem-se as amplidões marinhas, ora no brilho dos seus iris e das suas ardentias, ora na mortecor melancholica das suas tristezas insondaveis.

Assim foi que de lá sahiu Luiz Delfino, a derramar pelo mundo afóra, como um principe oriental, a pedraria faiscante dos seus versos; de lá se ergueu tambem a musa do "poeta negro", celebrando em vozes de vulcão, ou "vozes veladas, velludasas vozes" todas as vertigens agoniadas da sua alma; de lá surgiu, emfim, a visão legendaria de Annita Garibaldi, que apesar da sua

vida bordada de lamentaveis aventuras, bem revelou essas qualidades extraordinarias, que fizeram della, a incomparavel amazona de dois mundos.

Tal foi tambem a terra natal de Lauro Severiano Müller.

Filho de agricultores prussianos, nasceu elle a 8 de Novembro de 1863, na villa, hoje prospera cidade de Itajahy, á beira do rio homonymo, o seu rio natal, que elle evocaria mais tarde, nestes accentos de immensa ternura: "rio sagrado, cujas aguas vi embevecido, na minha infancia, correrem no seu leite natural e bello, e hoje, ausente, revejo correndo no leite, que a saudade lhe creou eterno na memoria do meu coração".

Alli cursou as primeiras letras, partindo aos 16 annos para o Rio. onde deixou o balcão do commercio, em que se iniciára, para frequentar em Nictheroy os bancos do Lyceu de Humanidades.

Em 1882 matriculava-se na Escola Militar, a celebre Escola, na qual, mais do que a Praia Vermelha, onde era sita, dir-se-ia que vermelhava então, ao sopro de Benjamim Constant, a fragoa juvenil das idéas de liberdade.

Assim foi que alli, alumno, alferes alumno, engenheiro militar e bacharel em sciencias physicas e mathematicas, desabrocharam-lhe no cerebro os ideaes da Abolição e da Republica, floração bizarra da democracia em sua alma de teutobrasileiro.

A alvorada republicana de 15 de Novembro de 1889, veio encontral-o no seu posto, ao lado da historica figura equestre do Marechal Deodoro, como jovem escudeiro medieval de olhos azues e cabellos louros, na plena realização dos sonhos de uma nova cavallaria.

A MUSA DA SUA VIDA

Póde-se dizer que data daquelle dia, a vida publica de Lauro Müller.

Nella reconhecem todos que a politica foi a egeria do seu pensamento, o cerne da sua actividade, o panno de fundo no proscenio dos seus triumphos.

Nem todos, porém, accordam num juizo definitivo acerca do seu systema politico.

Para alguns foi elle a "raposa de espada á cinta", typo da astucia envolvente e perigosa, modelo de habilidade pouco escrupulosa no escolher processos para chegar ao fim, uma como encarnação republicana do heróe de Machiavel, o principe aperfeiçoado á sombra das liberdades do barrete phrygio.

Nada mais justo, ao contrario, pelo que li e apprendi de Lauro Müller, do que alongar da sua memoria tão calumniosos conceitos. Bem sei que não é facil manter uma consciencia de vestal, em meio aos lenocinios da politica. E' possivel, pois, tenha eile sabido dissimular para reinar, de accordo com a maxima celebre: *qui nescit dissimulare, nescit regnare*. Possivel é que nem sempre tenha dito toda a verdade, e até mesmo, no uso de um estratagema politico, preconizado já por Talleyrand, se tenha servido da palavra para encobrir o pensamento. Quasi certo é tambem, tenha tido muitas vezes que fazer vista grossa aos erros dos amigos, multiplicando-lhes ademais os favores, e fazendo pezar a justiça sobre os adversarios. Destes e outros recursos, havidos por innocentes em politica, e dos quaes não são muitos os que hoje se escandalizam, é bem possivel tenha-se elle valido para adaptar-se ao meio.

Disso que ahi fica, porém, distam ainda muito, como se sabe, os processos do machiavelismo, que adoptando a perfidia e o crime, quando pareçam consultar aos interesses do Estado, arvora em bandeira a famigerada theoria de que o fim justifica os meios, e não hesita em sacrificar-lhe os mais legitimos e sagrados principios da consciencia humana, uma vez que se opponham na pratica, á execução do plano politico.

Lauro Müller, ao invés, foi um semeador de principios. Basta ler o seu bello discurso, hoje conhecido justamente pelo titulo: *deae Republicanos*. Delle extraio a esmo, e vos offereço aqui estas sentenças, em que bem se reflecte a sua escola politica.

“A subordinação aos deveres civicos, diz elle, é o maior titulo de merecimento para o cidadão de uma patria livre”. “No regimen, que adoptamos, o governo é o exercicio de uma delegação temporaria. A essencia dessa delegação está no voto. Fraudal-o deveria ser o maior dos crimes politicos. Mas não é, e antes constitue, se não a gloria de alguns, ao menos a razão da existencia politica de outros”. “E' a intolerancia que nos desgoverna, ou venha ella do exaggero partidario, ou nasça da ambição de conservar ou adquirir o manço. E' della que nascem os governos prepotentes e as opposições facciosas: dois extremos que se confundem na obra commum de destruição das liberdades politicas”. “Só é salutar o progresso que brota do desenvolvimento da ordem. Para que esta exista, é mister que haja justiça, não a que se decreta, mas a que se observa”.

E alhures, no seu discurso de recepção nesta casa, deixou esta sentença moralizadora :

“Nem noutra realidade assenta a grandeza de um homem de Estado, senão na fortaleza de animo para afastar de si mesmo as suas e as alheias paixões pessoaes, desbravar o caminho de todos os pendores subalternos e perturbadores, para identificar-se com as aspirações e nobres ambições da collectividade.”

E melhor ainda, na conferencia realizada a 15 de Novembro de 1921, em sessão solenne da Liga da Defesa Nacional :

“Para servir-o (o regimen republicano) os seus homens precisam de ter ambições, não de subir ás posições elevadas, mas de elevar-se no conceito de si proprios e na estima dos seus concidadãos ; não na grandeza material, que é a ambição dos instinctos inferiores, mas no aperfeiçoamento de sua vida moral, que é a suprema força dos moços e o supremo consolo dos velhos.”

Firmado nestes principios, Lauro Müller venceu na politica, pela vivacidade e finura do seu espirito, pelo conhecimento que tinha dos homens e das coisas, pelos amavios da sua palavra, pela sua elegancia na lucta, o que fez Assis Chateaubriand comparal-o a um jogador de florete : mas sobretudo, pela sciencia profunda e rara, se não unica, dos problemas nacionaes e da nossa evolução politica, estudada por elle, não com o olho da chronica, que, como elle proprio diz, “vê as datas na sua expressão material de medida do tempo”, mas á luz da historia, que as considera “na alma dos acontecimentos, de que são ellas a synthese culminante.”

“FAZER ENGENHARIA”

Senhores :

Tão modestos foram os inicios da vida terrena de Lauro Müller, quão brilhantes os da sua vida publica. Surgiu elle na parada triumphal do primeiro 15 de Novembro, para ir logo em seguida, aos sóz 26 annos de idade, chefiar o governo provisório da sua provincia natal. E “o menino tirou distincção”. Nestes termos, ao menos, dizem que se referisse Deodoro á administração do precoce estadista.

Nem desceu mais dessas culminancias, senão para se bater na planura como soldado, pela defesa e consolidação do regime. Da Assembléa Constituinte ao Congresso Federal, como deputado e senador, do governo constitucional do seu Estado aos Ministerios da Republica, a sua carreira politica se manteve dahi por diante e sempre, nessa cumeada, onde, entretanto, dois cimos se destacam em relevo, num diagramma expressivo. São elles os dois periodos da sua actuação como ministro de Estado: o da Viação e o das Relações Exteriores.

Abre-se-lhe o primeiro em 1902. O Brasil emergia de longa época de transição, com as suas phases de abalos, demolições e reconstrucções. No quadriennio anterior, Campos Salles, auxiliado poderosamente pelo genio de um mattogrossense, Joaquim Murtinho, reconstituira as finanças. O Paiz refeito podia assim retomar serenamente o rumo do seu destino

“talhado para as grandezas,
para crescer, crear, subir.”

Raiou então no horizonte politico, a presidencia gloriosa de Rodrigues Alves, aureolada por uma verdadeira constellação de ministros e auxiliares.

Ahi é que Lauro Müller entrou desde logo a brilhar como estrella de primeira grandeza. Ao assumir a pasta da Industria, Viação e Obras Publicas, cifrára elle o seu programma em duas palavras: “fazer engenharia”. E foi o que fez. Mas é que a sua engenharia tinha o bafejo superior das inspirações do homem de Estado. Tão grandioso fôra, por vezes, o seu plano, que parecia raiar pela utopia. Mas delle, como bem notou o Sr. Coelho Netto, poder-se-ia repetir o que de si mesmo dizia Lesseps, a quem foi elle já tantas vezes comparado: “julgaram-me um sonhador, mas provei que sou um homem pratico”.

E viu-se effectivamente o desenvolvimento extraordinario, com que elle soube impulsionar todos os serviços a seu cargo, desde a viação ferroviaria e telegraphica até as obras publicas, em que resolveu problemas seculares da maior relevancia, como o caes do porto desta soberba metropole.

Ninguém melhor do que o Dr. Miguel Calmon, seu immediato successor naquelle Ministerio, podia resumir a gestão de Lauro Müller, como o fez quando lhe disse numa synthese eloquente: “imprimistes ao Paiz, das margens do Madeira e do Mamoré á barra do Rio Grande do Sul, a vibração de uma e-

nergia privilegiada; pois, não houve faixa do seu solo, trecho das suas aguas e, mesmo, digamos assim, parte da sua atmospherá, a que não beneficiasse a vossa acção administrativa, tantas foram as estradas de ferro, os portos, as linhas de navegação e os fios telegraphicos, com que o dotastes”.

Mas a obra prima da engenharia de Lauro Müller, a sua obra de cyclope, em que abatendo seiscentos predios, transformou como por encanto, saneando e embellezando, a velha cidade do Rio de Janeiro, foi certamente a Avenida Central, a que mais tarde, completando assim o pensamento do seu planeador, que a imaginára um como portico das nossas relações internacionaes, foi dado o symbolico nome de Rio Branco.

Elle proprio em tanto a prezava, que a punha na altura de uma conquista republicana, chamando-lhe “a Avenida que a Republica fez”.

Senhores: nesta hora em que vos falo, essa avenida esplende e se alonga, de mar a mar, numa galaxia de ouro por sobre a terra. Está toda estrellada, rivalizando com o firmamento.

Nella os edificios publicos ostentam a sua architectura imponente. O commercio rebrilha nas suas vitrinas de luxo. Ha um gorgear de operas no espaço. Os cinematographos fervilham. Mil carros rodam num curso incessante. Acotovelam-se representantes de todas as raças. Sôam linguas de todos os povos. Sente-se, emfim, uma civilização feliz, que passa cantando em marcha luminosa.

E’ o sonho patriotico de Lauro Müller, que alli se concretiza. E’ a epopéa do seu trabalho, que alli palpita. E’ o monumento da sua gloria, que alli refulge, illuminando a Patria.

SUCCESSÃO GLORIOSA

Cinco annos havia que Lauro Müller deixára aquelle Ministerio, quando a nação se viu dolorosamente envolvida no crepe do mais pesado luto. E não só a bandeira da Patria, senão que, bem se pode dizer, abatiam-se em funeral os pavilhões de todos os paizes.

E’ que o Brasil acabava de perder o seu grande chanceler, Rio Branco, personificação augusta da sua diplomacia perante o mundo.

A repercussão no Itamaraty foi a de um sossobro sismico. Deixemos que nol-a conte um, que a sentiu de perto, o Sr. Helio Lobo: “todos na casa, diz elle, veteranos e noviços, tremeram pelo desconhecido, que assim se nos abria. Nove annos de labuta

tinham collocado o meneio das coisas exteriores, entre nós, num nível tão alto, que difficil fôra achar-lhe continuador cabal. E é gloria de Lauro Müller dizer que seus hombros sustentaram galhardamente a herança, que não desmereceu e antes avultou em lustre”.

Ahi está em poucas palavras, todo o elogio da politica internacional de Lauro Müller, chamado nessa hora á successão de Rio Branco. Succeder ao barão, sem quebra de continuidade, teria sido já uma grande gloria. Mas Lauro Müller fez mais ainda.

Sabido é como nos ultimos annos de Rio Branco, a organização da nossa defesa nacional fôra algures mal interpretada, envolvendo em nuvens de antipatia e desconfiança a nossa diplomacia no continente.

Foi o que Lauro Müller procurou desde logo desfazer, não só por meio das missões Campos Salles e Julio Roca, em que “os povos (brasileiro e argentino) foram solidarios com os seus governos, secundando e consagrando as intenções destes, com as mais expressivas demonstrações de sympathia e enthusiasmo”, como tambem pela celebração do tratado do A. B. C., assim designado na historia, como sabeis, pelas iniciaes dos nomes das nações, que o firmaram, Argentina, Brasil e Chile.

Verdade é que este pacto de amizade não foi mantido oficialmente, em consequencia de vicissitudes da politica interna. Pode-se mesmo discutir em these, o criterio diplomatico, em que se inspirou no promovel-o o seu illustre patrono.

O que não ha negar, são os nobres intuitos de concordia, em que levára a mira, e os efeitos immediatos que surtiu, testemunhados para sempre, estes e aquelles, nos tres carvalhos, que então cada um dos representantes dos paizes contrahentes plantou em Buenos Aires, ao lado um dos outros, tres monumentos em um só, num symbolismo grandiloquo de união e fraternidade.

Razão teve, pois, o Snr. Felix Pacheco, para chamar a Lauro Müller “symbolo vivo de união” entre as Republicas sul-americanas. E não menos o Sr. Ministro Ramos Montero, quando referindo-se ao discurso do embaixador Lauro Müller no Paço Legislativo de Montevideo, por occasião das festas centenarias da independencia do Uruguay disse que “o éco dos ecos das suas palavras se repete e repetirá naquelle recinto, como um cantico sagrado á liberdade e á confraternização da America”.

Ia assim Lauro Müller honrando as tradições gloriosas da diplomacia brasileira, tambem no manejo quotidiano dos seus importantes negocios e na effectivação de varias iniciativas, entre

as quaes a consolidação das leis do Corpo Diplomatico e Consular, e principalmente, a reunião levada a effeito no Rio de Janeiro, da Commissão Internacional de Jurisconsultos, encarregada de codificar o direito americano, publico e privado.

Eis senão quando se conflagra a Europa, alastrando-se a guerra em proporções inauditas e formidaveis. Delicadissima era a situação de todos os chancelleres, mas a do brasileiro sentia-se aggravada, querer ou não, pelo seu character de teuto-brasileiro, em face do papel, que no conflicto assumira a Allemanha.

Elle cumpre o seu dever, interessa-se patrioticamente pela sorte dos brasileiros na Europa, faz ouvir em notas imparciaes e brilhantes, a voz do direito contra os abusos da guerra, mas pensa, com toda a convicção de sua alma, que em dada phase da luta, o Brasil não devesse ir além da ruptura das suas relações diplomaticas e commerciaes com a Allemanha, nem da posse fiscal dos navios allemães surtos em portos brasileiros.

Entrementes, cresce a onda favoravel á revogação integral da nossa neutralidade, avoluma-se, attinge o seu auge com a declaração do estado de guerra entre os Estados Unidos da America e o Governo Imperial Allemão, e irrompe finalmente, marulhando ao longo das avenidas e praças, sacudida agora pela tempestade da palavra de Ruy Barbosa.

Impossivel oppor-se-lhe, e Lauro Müller, em carta de 2 de Maio de 1917, aproveitando habilmente a reabertura do Congresso Nacional, demittia-se do cargo de Ministro das Relações Exteriores.

Como quer que se ajuize da sua attitude, nesse momento agitado da nossa diplomacia, uma verdade, como veremos, sobrepaira a todas as accusações e diatribes, de que foi victima: o seu patriotismo.

Antes, porém, tentemos accentuar-lhe o perfil de diplomata, num parallelo incisivo, que elle proprio nos suggere.

RIO BRANCO E LAURO MULLER

Disse Lauro Müller em seu discurso de posse nesta Academia, que lhe cabia então pela segunda vez, a "gloriosa humilhação" de succeder a Rio Branco.

Associemos, pois, mais uma vez, não para humilhação de um, mais glorificação de ambos, estes dois nomes illustres, que o destino assim entrelaçou em nossa historia.

Facil não é cotejar duas figuras como essas, que, mesmo no physico, dir-se-iam approximadas unicamente pelo contraste.

O que impressiona em Rio Branco, é a majestade, em Lauro Müller, a elegancia das linhas e dos gestos.

Rio Branco foi o chanceller por excellencia. Illuminou o Itamaraty, durante nove annos a fio. A obra, que delle nos ficou, é quasi toda diplomatica, e esta não tem rival.

Lauro Müller foi menos diplomata, do que politico e estadista. Não teve tempo, ou antes sação, para desenvolver a sua acção diplomatica, posta á prova em situação das mais difficeis e melindrosas.

Rio Branco veio, quasi intacto, da monarchia. Foi a mais bella projecção do imperio na republica, um como glorioso traço de união entre os dois regimes. Não fez politica republicana. Foi um extranho idolo, que a monarchia impoz á adoração dos democratas. Estava assim providencialmente talhado para, nas regiões altas e serenas da politica internacional, reatar as tradições aristocraticas da diplomacia brasileira.

Lauro Müller foi, ao contrario, um producto genuino da republica. Quando subiu para o Itamaraty, levava já um longo passado politico, com a sua experiencia, mas tambem com as suas inevitaveis taras e desvantagens.

Rio Branco immortalizou-se numa diplomacia luminosa de estudos, toda emmoldurada em cartas geographicas e documentos historicos, sob a irradiação de talentos como Euclides da Cunha, que se gloriavam de ser "satellites na orbita de um immortal."

Lauro Müller não foi homem de livros; confiava mais nas subtilezas do seu espirito e na habilidade incontestavel da sua politica.

Rio Branco, removendo triumphalmente as questões de limites territoriaes, lançou bases as mais solidas e largas á nossa politica externa.

Lauro Müller se propuzera a construir sobre esses alicerces, o edificio da nossa expansão e grandeza diplomatica.

Rio Branco foi sagrado pelo genio de Ruy Barbosa, em deus Termino das fronteiras da Patria.

Lauro Müller, com o programma edificante de paz e confraternização que esboçára, teria talvez encarnado nos fastos da nossa chancellaria, o Hermes grego, o deus agil das relações pacificas e civilizadoras.

AD IMMORTALITATEM

Começára apenas Lauro Müller a gerir a pasta das Relações Exteriores, quando a Academia Brasileira o elegeu em um dos

seus immortaes, a 14 de Setembro de 1912, exactamente para a cadeira vaga pela morte de Rio Branco, a quem já elle succedêra nas elevadas funcções daquelle Ministerio,

Só tomou posse, porém, a 16 de Agosto de 1917, quasi cinco annos mais tarde.

Muito se tem dito e escripto em torno a essa consagração do seu nome, no supremo areopago das nossas letras. Murmurou-se que não era letrado, e só entrára para a Academia como expoente da politica ou da engenharia, accrescentando-se maliciosamente que levára por unico titulo as obras do porto.

Na propria sessão, em que se lhe ia suffragar o nome, a mais agitada talvez das eleições da Academia, trovejava contra elle o verbo de Salvador de Mendonça, declarando peremptoriamente: "ou a Academia tem hoje as suas Thermopylas, ou abre-se a porta á invasão da Hellada", segundo rejeitasse ou não, a candidatura do ministro. Mas este venceu, por vinte e dois votos contra quinze.

Força é reconhecer que Lauro Müller não podia competir em credenciaes literarias, com o seu preclaro contendor, o Dr. Ramiz Galvão. Deve-se mesmo convir em que não foi elle um homem de letras, tal como são aquelles que no dizer de Ruy Barbosa, passam a vida "na contemplação do bello, nos laboratorios da arte, no culto das letras pelas letras".

Neste sentido, porém, o proprio Ruy, como sabeis, não se tinha a si mesmo em conta de literato, porquanto na sua vida, assevera elle, "as letras entram apenas como a fórmula da palavra, que reveste o pensamento, como a eloquencia que dobra o poder das idéas, como a belleza apparente que reflecte a belleza interior, como a condição de asseio, que lhe dá clareza ás opiniões, que as dota de elegancia, que as faz intelligiveis e amáveis".

O mesmo, e, já se vê, com muito mais razão, póde-se affirmar de Lauro Müller. O que elle fez com os seus bordados de general, fez tambem com o verde baccharo das lides literarias: preferiu-lhes a actividade politica.

Delle escreveu o Sr. Medeiros e Albuquerque, em sua diaphana linguagem: "Era uma figura deliciosa. Pertencia a um a raça de homens de valor, que gostam mais de lêr homens e cousas, do que lêr escriptos. Porque nunca foi um grande devorador de livros. Clemenceau, pintando a opposição entre Poincarré e Briand, dizia do primeiro que sabia tudo e não entendia nada, do segundo que não sabia nada, mas ententia tudo. Lauro estava, não exactamente nas mesmas condições, mas muito mais

perto desta segunda categoria. Entendia tudo, com muito pouca leitura”.

O proprio Lauro Müller, aliás, de si mesmo attestára que era “mais affeito a fazer que a dizer”.

Isto não obstante, tenho para mim que lhe não faltaram lentos intellectuaes, para fazer jus a uma poltrona academica; intelligencia viva e scintillante, cultura não vulgar, e o que é mais, um estilo não só grammaticalmente correcto, como também elegante nessa limpidez e concisão, que emprestam a muitos dos seus pensamentos um ar veneravel de brocardos.

Bem pouco valeria este juizo, se não tivesse a corroboral-o a autoridade incontestada do Sr. João Ribeiro, que assim fala: “Lauro Müller não cogitava absolutamente em ser academico, ainda que as suas qualidades de espirito, de cultura e de bom gosto lhe estavam a indicar o posto, que honrou durante alguns annos”.

E o Sr. Medeiros e Albuquerque acrescenta ainda que “se Lauro quizesse fazer literatura, tel-a-ia feito com superioridade. Foi com superioridade que fez jornalismo, quando quiz entrar nelle”.

Assim é que, ao recebê-lo aqui, na vossa illustre companhia, pôde dizer-lhe, com a sua voz de oraculo das letras, o sr. Affonso Celso: “Ha em vós um fino e esclarecido amator de arte, possuidor de uma das nossas mais escolhidas galerias de pintura, o que revela apurado senso esthetico. Ha em vós um orador fluente, elegante, commedido, sabendo dizer o que quer, como quer, só o que quer, e quando quer, do que são prova os vossos innumerados discursos diplomaticos, nos quaes jamais escapou uma phrase deslocada, uma palavra dispensavel ou insufficiente. Ha em vós, um delicioso *causeur* e a *causerie* verdadeira, apanagio de poucos, é modalidade artistica requintada, subtil, maravilhosa. Ha em vós um homem espirituoso, arguto e solerte, de quem por ahi correm ditos a Talleyrand, com a malicia, mas sem a maldade deste, antes, de ordinario, impregnados da vossa substancial bondade”.

A herança literaria do saudoso academico, não é certo vultuosa, mas basta a comprovar, até mesmo pelas simples citações que vão nestas paginas, a verdade de taes assertos.

UM SONETO

Delle nos restam ainda, assignalando florescencias ephemeradas da sua primavera de estudos, umas poucas de producções poeticas.

Se lhe não accrescentam ellas florões á corôa litteraria, merecem todavia lembradas, revelações interessantes, que são, do seu espirito estudioso e culto.

Dellas uma se destaca, profundamente significativa, porquanto, ao invés do que se podia esperar, não representa mera flôr da sua phantasia, senão antes bella expressão do seu cerebro pensante de moço. Dir-se-iam mesmo versos de um pensador.

Alludo ao soneto, já hoje historico, escripto em 1887, na Escola Militar, para um concurso intimo entre collegas do curso academico. O thema, dos mais transcendentaes, era nada menos que a existencia de Deus, a sêr tratada philosophicamente nos quatorze versos de um soneto.

Tres dos concorrentes deram o seu trabalho á publicidade: dois em versos decasyllabos e o de Lauro em alexandrinos. Este ultimo diz assim:

Ha mundo limitado e mundo indefinido...
 Quem susta o pensamento, excede a Josué!
 À sciencia não póde, além do conhecido,
 Deter a crença humana e derrocar a fé!
 Dois mundos ha no mundo: o cosmo dividido...
 Aqui, eis a sciencia; além, sempre de pé,
 O incognoscivel duro, immenso, soerguido,
 Esphynges perennal, foi hontem o que hoje é!
 Por isso eu sinto sempre, atrás das apparencias,
 Acima da sciencia, acima da razão,
 Um ser que vem na historia, a par das consciencias,
 Mais bello cada vez que o homem os dotes seus
 Podia melhorar, formando a concepção
 Do sêr mysterioso, a quem chamamos Deus!

Como se vê, á parte alguma idéa menos clara ou menos orthodoxa, algum desprimor de technica, e tal ou qual aridez inherente ao assumpto, a composição não é má, e como tal, inserida pelo Sr. Laudelino Freire, no seu conhecido florilegio de sonetos brasileiros.

Mas o verdadeiro valor desses versos, está no reflectirem a mentalidade philosophica do jovem alferes. Sabe-se, de facto, que, por aquelle tempo, o materialismo de Spencer e o positivismo de Comte agitavam apaixonadamente a alma da Escola. As crenças eram vivamente atacadas em nome da sciencia. Triumphava em quasi toda a linha o atheismo.

Não deixa, pois, de ser notavel a attitude desse moço, que alli, em pleno theatro de negações e ruinas, proclama assim, num vibrar de versos fortes, verdades como esta :

A sciencia não póde, além do conhecido,
Deter a crença humana e derrocar a fé!

Tem-se ahi a impressão de que, ao concluir o soneto, num ambiente de escandalo, a sua alma estava de joelhos, diante desse "sêr que vem na historia, a par das consciencias, o sêr mysterioso, a quem chamamos Deus".

CULTOR DO VERNACULO

Mas os versos de Lauro Müller lançam tambem um raio de nova luz sobre a faceta propriamente literaria do seu caracter, no que concerne ao culto do vernaculo.

E a razão é que em nenhum outro exercicio, como no ver-sejar, tanto se evidencia o gosto em cultivar a lingua, nem tanto se aprimora a penna no escrevel-a.

Aliás, já foi notado, em curiosa observação historica, como a pratica da propria versificação latina, tenha influido beneficilmente, á luz dos factos, na escripta da lingua franceza.

Verdade é que o habito diuturno e quasi exclusivo da lingua metrificada, póde emperrar e dificultar a prosa. Mas não é menos verdade que, maximé no periodo da formação literaria, o cultivo do verso, entremeado com o da prosa, possa aproveitar, e tenha, c'e facto, aproveitado aos maiores prosadores.

Escutemos a respeito a palavra de mestre do Visconde de Castilho : " Com este tão facil como agradável tirocinio (o da versificação), diz elle, se affaz o ouvido para escrever a prosa nacional com muito mais graça e afinação : verdade esta que poderá parecer nova e tontaria a alguém, mas que era já credo velho para Maury, para La Harpe, para Rolin, para Voltaire, para Plinio, para Quintiliano, para Cicero e para os mestres de Cicero, os grandes homens da grande Athenas".

E, com effeito, a arte de versificar não sómente obriga a maior copia de vocabulos, como tambem adextra no manejo da lima, a que dava tanta importancia o velho Horacio e com elle os grandes mestres, affeiçoa o estilo a phrases lapidares, e afina o ouvido para melhor dar aos periodos da prosa essa cadencia, ora suave, ora forte, mas sempre harmoniosa, de que só o verso parece ter o segredo.

Haja vista o que succedeu a Tacito, o insigne historiador que esmerando-se naturalmente em dar exordio solenne a esse monumento das letras romanas, que são os *Annaes*, entoou, sem querer, a sua primeira phrase, pelo rythmo épico dos hexametros

Urbem Romam a principio reges habuere.

Não ha mister alongar estas considerações, para encarecer a lição que se depara nesta pagina da vida de Lauro Müller.

Comquanto não pensasse em professar letras, procurou elle estudar a fundo o patrio idioma, como o prova esse tirociniô poetico e a correccão dos seus escriptos, marchetados, por vezes, de não poucas elegancias.

É que bem comprehendêra não ser apanagio de literatos o conhecimento do vernaculo, tão util, se não necessario, ao homem publico, cujas prendas e prestigio tanto realça, dando-lhe clareza ás idéas, propriedade aos termos, brilho ás phrases, precisão ao commando, energia ás ordens, nobreza aos sentimentos, distincção ao trato, suavidade ás negativas, efficacia ao discurso, encanto á palestra, e, emfim, todos esses effeitos magicos da palavra, que admiram nos grandes conductores de opiniões e vontades.

Tal é o exemplo, por sem duvida opportuno e proveitoso, que a todos dá Lauro Müller, mas particularmente aos homens de Estado, como elle.

Não só estes, porém, senão os proprios homens de letras têm ainda algo a aprender, na psychologia do notavel politico.

UTILE DULCI

Por pouco que se estude a vida de Lauro Müller, nota-se-lhe desde logo, um espirito voltado para a realidade das coisas, e pre-occupado em realizal-as.

Traço caracteristico, resahia-lhe até no discutir as questões, porquanto, avesso a delongas, encaminhava habilmente soluções conciliatorias e plausiveis, o que valeu ás suas opiniões a alcunha pittoresca de "estampilhas", para significar que, em geral, punham termo aos debates.

No trato das letras, como vimos, bem se póde dizer que só se utilizava dellas, como quem pule e afia um instrumento para o trabalho.

Elle proprio, aliás, confessa algures de si mesmo, que "não empregava em explanações de theses de governo, o esforço e o tempo, que podem ser aproveitados na acção administrativa".

Vai nisto um bello exemplo, não sómente a estadistas e politicos alcandorados muita vez no lyrismo das idéas, como tambem aos homens de letras.

A literatura não pode reduzir-se a mero diletantismo. A "arte pela arte" é legenda vaporosa e inexpressiva. Nos horizontes diaphanos das letras, ha de brilhar um norte mais luminoso.

Já não falo dessa literatura que por ahi vai, derrancando-se obscenamente em pornographias, verdadeiro crime contra tudo quanto ha de mais sagrado e caro .

Falo dessoutra, que embora não descambe em taes excessos, contenta-se de agradar, não se importando com aproveitar aos espiritos.

Esquece-lhe que a verdadeira divisa do brasão literario foi já traçada, ha dois mil annos, em duas palavras immortaes: *utile dulci*. E' preciso alliar o util ao agradável.

Dir-se-ia que a mesma sabedoria falou ahi pela bocca do velho Horacio. São dessas formulas immutaveis como a propria essencia das coisas, ideal eterno, que ha de sempre merecer o suffragio de todos os seculos: *omne tulit punctum*.

Das minhas leituras de adolescente, ticou-me a cantar dentro dalma, um sonoro verso italiano, tanto me impressionára elle, desde a primeira vez que o lêra:

Odio il verso, che suona, e che non crea.

E' como se o poeta, aliás um reaccionario, dissesse que odeia o verso, e o mesmo se diga da prosa, que se esvai na melodia dos sons esflorando as almas, sem penetral-as, para crear idéas e plasmar caracteres.

E de facto, não pode o letrado desinteressar-se da sociedade, em que vive. Ora, a moral da juventude, a santidade dos thalamos, o culto da autoridade, as grandes aspirações da alma nacional, e, emfim, todos os deveres para com Deus e a Patria, são outros tantos interesses collectivos, contra os quaes conspiram incessantemente as paixões humanas.

Faz-se, pois, de mister conservar sempre alerta contra a insidia desses assaltos, as virtudes fortes, em que se apoiam a familia e a patria.

Nesta cruzada sacrosanta não póde faltar, nem nunca alhures refulgirá melhor, o dourado espadim do homem de letras.

Que perversão, pois, e que tristeza não é, ver a literatura, no afã de lisonjear perigosas sensibilidades, mancommunar-se, não raro, com essas mesmas paixões, açulando instinctos que não carecem de estimulos, senão antes de freios e bridas!

LUMINOSOS EXEMPLOS

Quem ha, pelo contrario, que se não enthusiasme ao vêr um imbelle poeta como foi Tyrteu, arrastando exercitos á victoria, ao só poder magico do seu estro e dos seus carmes ?

E como se não agiganta a nossos olhos a figura de Castro Alves, quando põe a sua lyra e a sua musa ao serviço da Abolição, pleiteando no verso uma das causas mais nobres e santas da nacionalidade!

Assim pensando, tenho para mim que uma só das orações patrioticas de Bilac, accendendo o enthusiasmo pelo dever e pelo sacrificio na alma dos moços, vale mais do que todós os seus versos de ouro, fazendo-lhes fremer o sangue adolescente em amores faceis e quiçá impuros.

Uma das obras mais gloriosas da antiguidade pagã, afigurou-se-me para logo o *Hortensius* de Cicero, dêz que me foi dado ler o capitulo admiravel, em que S. Agostinho nos conta como esse livro, hoje infelizmente perdido, inflammára-lhe o espirito moço no verdadeiro amor da sabedoria.

O ardego mancebo, que até ali andára esfolhando em vôo rasteiro, por entre os rosaes malditos do vicio, as paginas de fabulas e retoricas fôfas, sente desde logo, ao influxo da nova eloquencia, desapertarem-se-lhe aquellas como azaes de aguia, que em remigios tontos a principio, firmaram-se-lhe em seguida e para sempre, na mais estupenda ascensão para o sol a pino da verdade.

Era a literatura do paganismo preparando providencialmente a intelligencia do futuro doutor da Egreja, até que uma voz mysteriosa, como sabeis, lhe deparasse os versiculos predestinados da sagrada escriptura, em que, por fim, se lhe revelou a sabedoria, em todo o esplendor da verdade e em toda a energia da virtude.

Bemdito e mil vezes bemdito o livro pagão, que assim salvou para a humanidade o genio transviado de um Aurelio Agostinho !

Nem sei de maior gloria, a que possa aspirar homem de letras, do que esta, a de orientar a mente e o coração das gerações renascentes, para o sulto da sciencia e da virtude, do dever e da honra, de Deus e da Patria.

Praza aos céus que o senso pratico das realizações, distinctivo do character de Lauro Müller, venha a caracterizar tambem a nossa literatura, tornando-a em mentora suave dos espiritos, na odyssea gloriosa da raça pelos seculos em fóra.

O SEU PATRIOTISMO

Mas entremos, Senhores, o mais brilhante capítulo da vida de Lauro Müller, onde se lê no alto, em versaes de ouro, a suggestiva palavra: patriotismo. São paginas claras, vibrantes, cuja sinceridade não sei como possa ter sido jamais posta em duvida.

Refiro-me, como é facil adivinhardes, á attitude por elle assumida no Itamaraty, em face da formidavel conflagração européa. Quiz-se ver ahi, na sua neutralidade, o influxo de tendencias germanophilas, em collisão com os verdadeiros interesses da nacionalidade.

Nada mais falso. Pode a sua diplomacia ter errado. Mas, se errou, foi sempre cuidando de bem servir a Patria. Nem o futuro, aliás, o convenceu do erro. Ainda em Novembro de 1919, ao receber nesta Academia o Sr. Helio Lobo, expunha elle, nestes termos cheios de convicção, o seu pensamento.

“Bem merecida foi a culminancia que reconhecestes na nota do nosso Ministro Taques, sobre a estadia de navios belligerantes em aguas neutras, a proposito do famoso caso Alabama, de que nos sahimos, como sempre, com honra para o nosso pavilhão e conceituoso relevo para o nosso renome.

Escapou-me escrever “como sempre” e já agora não me retractarei, sujeito embora á pena de vituperio, fazendo abranger no conceito os annos de neutralidade que o Brasil, em presença da mais generalizada e terrivel das guerras, viveu—cauto e digno— em morbido periodo, cuja convalescença, em grãos differentes para as differentes nações, é nesta hora o peso do dos estadistas e o soffrimento dos povos esgotados.

Uma falsa modestia, que poria a pessoa antes da Patria, não autorizaria quem quer que fosse, para esconder-se, a calar, mutilando a historia, uma prolongada acção que houvesse merecido de grandes e liberaes nações o conceito de modelar. Não va nisso senão o prazer intenso e profundo de haver mantido, sem desmerecimento, uma linha de conducta já encorporada, com lustre para o nosso paiz, no patrimonio das suas tradições”.

Nutrisse elle embora, o que era natural, sympathias pela Allemanha, o facto é que soube collocar acima dellas o seu dever civico e humanitario, como o provam as apreciadas notas antigermanicas contra o bloqueio sem restricções e contra o torpedeamento do vapor *Paraná*; o seu modo de encarar o incidente do Brasil com a Allemanha na Liga das Nações, e o seu horror ao "imperialismo desenfreado, são expressões suas delle em 1917, que está assassinando e incendiando a Europa e quasi o mundo inteiro".

Referindo-se a Lauro Müller, fez o Snr. Medeiros e Albuquerque a seguinte declaração, num depoimento valioso, e, como sabeis, perfeitamente insuspeito: "não tenho e nunca tive a menor duvida de que entre o Brasil e qualquer outra nação, o seu grande, o seu real, o seu indiscutivel patriotismo nunca hesitaria".

Se isto não bastasse, ahi está toda a sua vida, que foi uma vibração perenne de patriotismo, perpetuado no rythmo crystallino dos seus escriptos, outros tantos hymnos ao Brasil e ao seu povo, ao seu passado e ao seu futuro.

LIÇÕES DE PATRIOTISMO

E o seu era um patriotismo sadio, que se não perdia em dithyrambos á belleza da terra, nem, como dizia elle proprio, em "expansões equatoriaes de exaltadas e imaginativas superioridades". O a que elle aspirava, era formar a alma da Patria, no estudo da sua genese historica e na consciencia dos seus grandiosos destinos. Oicamol-o:

"Bem é que o recordemos, para que os moços, que em livros universaes aprendem ser a historia a mestra da vida, se não esqueçam de que a historia patria lhes deve ser o primeiro e o mais amado dos mestres".

"Cada vez mais avigorados seremos, se melhor soubermos fortalecer o sentimento de nacionalidade, em contraposição á bastarda condição de filhos sem patria, a que se aviltam espiritos desviados por um internacionalismo amoral, adquirido em viagens de prazer, ou sorvido em leituras, que só pela face brilhante, nos fazem conhecer as coisas exoticas. Para que não caiam nessa miseria organica, aos moços devemos ensinar o culto da lingua— tão formosa e rica— que possuímos, e nella e por ella, como nas boas familias se pratica, dizer-lhes o que possui materialmente a sua Patria,

que é a sua familia entre os povos, para que conheçam o presente; e mostrar a cada geração o que ella é e representa, contando-lhes como foram e o que representaram os seus antepassados. Sobretudo nos turbados tempos que vivemos, nada parece mais necessario, do que ensinar o Brasil aos jovens brasileiros”.

“A preocupação suprema deve ser organizar a Nação, que não existe forte, senão fazendo fortes os seus nacionaes. A primeira condição para essa realidade, é o sentimento de união entre os filhos da mesma terra natal, e o proposito, em tudo e por tudo, de lhes dar a primazia nas varias espheras da actividade, no ambito da patria”.

“Foi pela união que os nossos antepassados, desamparados da metropole desfallecida, restauraram a integridade patria, numa luta de 30 annos. Nessa epopéa revigoro por vezes, o meu espirito, pelo convencimento de que a energia do nosso povo, não falhará á Nação em dias infortunados”.

“Para que elles não voltem, é mister que, os sabendo possiveis, não os facilitemos com os nossos descuidos, e nem os provoquemos com os nossos erros. E maior não conheço eu que o de não ver que o maximo perigo, para o Brasil, seria o perigo brasileiro, resultante do progresso desordenado, orphão de uma educação nacional, falho de uma organização solida e segura, amparada na subordinação constante de todos os brasileiros ás leis liberaes, que por nossa vontade nos regem, e no respeito invariavel ás autoridades que ellas crearem”.

Quanto não censurava aquelles que no seu dizer, voltam do extranjeiro, com os sentimentos nacionaes “tão cobertos de contrafacções, quanto de etiquetas de hotéis, as malas com que perambulam”!

O que elle desejava, era que “conservassemos a simplicidade e o commedimento das antigas maneiras, e tambem a do vestir da nossa gente, para que os nossos vindouros não se notabilizem no futuro pela algazarra das conversas e discussões, pelos desgarres ou arrebicados dos gestos, pela altura a que elevem os pés nas salas e salões, nem pela effeminada elegancia cinturada, que faz o desespero daquelles a quem a ecade vai arredondando”.

São, como se vê, palavras de um patriota sisudo.

E era este patriotismo esclarecido, que o extremava no interesse por todas as coisas do Brasil, e para citar-vos uma reminiscencia pessoal, lembra-me ainda como o ex-superior das Missões Selesianas de Matto Grosso, hoje bispo de Petrolina, o Sr. D. Malan, contava-me, commovido, o carinho paternal, com que Lauro Müller recebêra a visita de um joven indio mattogrossense, e se empenhára efficazmente em prol da catechese.

Nem será fóra de proposito affirmar que foi ainda o patriotismo, um dos sustentaculos da sua fé christã, no meio da atmosphera revolta, em que se lhe expandiu a flôr ardente da mocidade. Bem conhecia elle os vinculos historicos e naturaes, que enlaçam no Brasil, a nacionalidade ao catholicismo. Delle é este formoso pensamento: "em todas as casas, ao lado da *Ceia de Christo* de Leonardo, que recorda a nossa commum filiação espiritual, deveriamos alçar todos, pobres e ricos, mas irmãos no amor da mesma terra natal, a *Primeira Missa* de Victor, representação commovedora dos dias, em que o Brasil recebeu o baptismo da fé, com que nasceu para o convivio do mundo".

E na curiosa poesia, de que nos fala o Sr. Medeiros e Albuquerque, dedicada a Pedro Alvares Cabral, e feita em collaboração por varios academicos, a quadra escripta por Lauro Müller, é exactamente a unica, por onde perpassa um halito de inspiração christã:

Foi no dia paschal dos crentes do Evangelho,
Que a Cruz veio contigo ás terras do Cruzeiro:
Quando o gentio a viu, sorrindo, hospitaleiro,
Sorria o Novo Mundo ao Continente velho.

Esta fé o acompanhou por toda a vida, e foi ella ainda o seu anjo á beira do tumulo, quando, a 30 de Julho de 1926, sob as benções do ministro de Deus, cêsse mesmo Deus, cujo nome fizera timbre de gravar nos seus discursos mais solennes, exhalou o grande espirito, aqui mesmo, no aconchego da terra brasileira, tal como elle sonhára ao escrever que "só na Patria se pode morar e morrer, completando, sob o mesmo céu e a mesma paisagem, o cyclo que começou a vida".

PERORAÇÃO

Ahi tendes, Senhores, num escorço pallido embora, a figura do immortal, a quem hoje me cabe a honra de succeder nesta

cadeira patrocinada pela musa classica do Padre Souza Caldas, e illustrada pelos solsticios brilhantes de Pereira da Silva e Rio Branco.

E a vós, Senhores Academicos, é que devo esta honra insignie, realçada ainda mais, não só pelo suffragio extraordinario, com que m'a conferistes em primeiro escrutinio e primeira eleição, como tambem pela escolha feliz do nobre confrade, que em vosso nome vai receber-me nesta casa, o Sr. Ataulpho de Paiva, em quem todos reconhecem um arbitro das elegancias, tanto das letras, como das maneiras fidalgas.

Assim é que a palavra se me enflora aqui espontaneamente na expansão dos mais vivos agradecimentos, que vos aqui deixo consignados, e dos sentimentos da mais profunda admiração e enlevo, com que hoje penetro os humbraes solennes da Academia.

E eis que uma reminiscencia aqui me empolga, inspirando-me estas ultimas paginas.

Não ha muito que estes muros ouviram, em sessão magna como esta, a oração blasphema daquelle, que renegando os principios da belleza espiritual do christianismo, foi jurar aos pés de uma deusa falsa, na Acropole de Athenas, uma profissão de fé literaria, pagã e futil.

Vazada embora em moldes hellenicos, não passa toda ella de uma dança magica de palavras á flôr dos labios, porquanto elle proprio confessa que dentro, nas profundezas da alma, como os sinos da lendaria cidade de Is, submersa no mar da Bretanha, cantavam-lhe ainda as crenças de outróra; e o seu coração, bem que dilacerado pela duvida, repetia-lhe sempre, como a lyra de Orpheu, o mesmo estribilho santo dos amores christãos da sua infancia e da sua mocidade.

Permitti-me, pois, que tambem eu, sem o brilho do fascinante estilista francez, mas com todas as véras da minha alma, venha professar perante vós, a simplicidade do meu credo literario.

ORAÇÃO NA ACROPOLE

Senhores: Ao entrar para a Academia, senti que, tambem eu, galgava as alturas de uma acropole, não de uma acropole em ruinas, mas acropole immortal, onde os Propyleus não perdem a elegancia attica dos seus marmores, e o Parthenão crystalliza para sempre, o sorriso divino da belleza. E' a radiosa acropole da nossa arte literaria, da qual vós, Senhores Academicos, sois as columnas vivas e gloriosas.

Tal como o peregrino do paiz bretão, aspero de rochedos e ventos, também eu venho de longe, mas dos sertões cheios de sol e de flôres, onde o christianismo aclimou os seus ideaes de celeste poesia, tão bem como naquelles mares sombrios do norte, ou sob os céus claros e risonhos da Hellade.

Mas não venho maldizer como elle, senão antes abençoar num hymno de gratidão e amor, esses "sacerdotes de extranho culto, provindo dos syrios da Palestina", que educaram a minha juventude, e, ha duzentos annos, lá vão traçando nas solidões bravias da minha terra, algumas das mais fulgidas estrophes da nossa epopéa bandeirante.

Os templos que lá elles ergueram, não são "phantasias de barbaros, que se esborôam ao cabo de quinhentos ou seiscentos annos"; mas são desses monumentos impereciveis no seu symbolismo eterno, cujas harmonias fundiram em lagrimas o coração do grande Agostinho de Hippona, e cuja eloquencia sobrehumana tem arrebatado a alma artista dos Huysmans, no surto maravilhoso das suas ogivas e dos seus symbolos para o azul do infinito.

Não venho como elle, apostatar desse culto, cujo encanto nem elle proprio soube negar, o doce culto á Virgem Maria, Ella, a "estrella da manhã" no céu da minha infancia, a "torre de marfim" dos sonhos mais puros da minha adolescencia, a "rosa mystica" dos meus cantares de moço, a "casa de ouro", das minhas esperanças; Ella, cuja formosura esplende nos seculos através das telas incomparaveis de Raphael; Ella, a musa do Tasso, a que não a corôa fronte com os louros caducos do Helicão, mas com as estrellas immortaes do céu; Ella, a suprema inspiração do Dante, no extase luminoso do Paraiso.

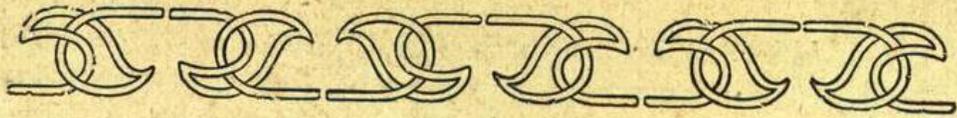
Não venho, em summa, abjurar nas aras de uma arte paganzante os canones sublimes do christianismo, os quaes, longe de contrariarem a verdadeira arte, a espiritualizam e elevam, convencido, como estou, de que a mesma expressão grega da belleza, como a romana do direito, mais não foram do que o natural aperfeiçoamento da humanidade, para o baptismo resplandescente do evangelho: da mesma fórma que a argilla bruta do eden, amoldára-se nas feições do primeiro homem, para receber na fronte o sopro divino da vida.

Venho, sim, denunciar perante vós, essa literatura do scepticismo e da duvida, literatura que, por parecer original e profunda, blasphema de tudo que é sagrado e puro, de tudo que ignora ou não quer entender; literatura inconsciente, que forja

phrases como esta: "ó abysmo, tu és o unico deus!" como se tambem o nada não fôra um abysmo.

Mas creio na literatura da razão e da fé, da esperança e do amor, da religião e do patriotismo; creio na literatura, que é uma alavanca de ouro elevando os corações para o ideal e para a virtude; creio na literatura, que, á semelhança da olympica Hebe, propina aos espiritos, em vasos de filigrana, os manjares da immortalidade; creio, emfim, na literatura, que á imitação dos canticos de Moysés no deserto, acompanha, orienta e suaviza as marchas gloriosas da civilização, para a Chanaã dos seus eternos destinos.





COMO É PRECISO PEDIR O SOCCORRO DE DEUS

(*Da Imitação de Jesus Christo, por Pierre Corneille*)

A minha sobrinha Santinha

Recorre a mim, meu filho, ao teres a alma inquieta ;
Faze-me a confissão da angustia que te affecta:
Nos teus dias hostis, por mais que ella te opprima,
Eu sou sempre esse Deus que te consola e anima;
Mas tudo que retem essa consolação
Que derramo do céu sobre a humana afflicção,
E' que, embora ella seja o alivio das desditas,
Vejo que um pouco tarde a mim m'o sollicitas.
Antes de emfim te ver junto a meus pés curvado
Me invocares na dôr de que és atribulado,
Fazes ensaios vãos do que promette o mundo
De goso e diversão a teu pesar profundo,
E esse desvio teu, esse voto imprudente
Vae alem procurar o que offereço ao crente.

O que fazes assim, certo, de pouco val,
O que fazes assim te expõe a novo mal,
Até que a tua fé um dia emfim te mostre
Que sei bem garantir ao que ante mim se prostre,
E que nada, alem della, ha neste mundo instavel
De conselho fructuoso e remedio duravel.

Ainda que em turbilhão agite-se a tua alma,
Depois que elle passar, faze que venha a calma,
Vê a minha clemencia, e nella haurindo a vida,
Tome um outro vigor tua força abatida.
Estou junto de ti, e logo hei de repôr
Tudo que a tempestade extinga em seu furor,
Não no que era somente e com igual vantagem,
Porem com abundancia e grande percentagem,
De sorte que outros bens, de preço mais subido,
Hajas pelos demais que penses ter perdido.

Que vacilles sobre isso é porventura crível?
Julgas ao meu poder qualquer cousa impossível?
Ou me assemelho acaso ao que, fraca entidade,
Tudo faz em promessa e nada em realidade?
Onde está tua fé? que has feito da esperança?
Mostra uma alma mais firme, ama a perseverança,
Sê forte, corajoso, atura, attende, espera;
Em seu tempo ha de vir o bem que refrigera:
Eu mesmo, então virei, e te attendendo ás preces,
Hei de trazer a cura ao mal de que padeces.
O que soffres provem de um pouco de pavor
Que o espirito te agita e influe-lhe um vão temor :
Do inconstante porvir, ora calmo, ora rude,
Temes prompta mudança e igual vicissitude;
Mas tal preocupação ha de te dar apenas
Tristeza após tristeza e penas sobre penas.
Não procures tão longe essa eterna sevicia;
Cada dia em si traz sua propria maldia,
Cada dia em si traz o seu proprio tormento:
Quem demais se carrega azeda o soffrimento,

E não deves fundar o que te agrada ou offenda
Sobre o incerto porvir, que nada te desvenda,
Que pode ser hostil, como pensas, talvez,
E que, talvez, também, não seja como crês.

Mas o homem contra si tem essas desvantagens
De se deixar vencer por umas vãs imagens,
E desse modo cria um duende enganador
Que lhe retira tudo, a esperança e o temor.
E', de certo, signal de uma fraca virtude
O confiar assim naquelle que o illude,
E dar um passo incerto em face do perigo
Para o que lhe apresenta aos olhos o inimigo.

Costuma esse impostor, em sua dubia essencia,
Agir com verdadeira ou com falsa apparencia ;
Das duas pouco importa ás suas illusões
A que enche o coração de perfidas visões.
A seu ver tudo é igual, si te envolver no engodo,
A seu ver tudo é igual, si te destruir de todo.
Si não te seduzir o enlevo do presente,
O terror do porvir te inspira incontinenti;
De cem meios cogita esse contrario tredo
Para emfim te perder ; mas não lhe tenhas medo ;
Vem a mim, põe em mim tua crença e vontade,
Tem confiança inteira em minha alta bondade ;
Oppõe-na sem temor aos dardos do inimigo;
Quando me julgas longe, estou talvez contigo;
A's vezes quando crês que tudo está perdido
E' quando mais talvez escuto o teu gemido,
E se approxima emfim esse feliz momento
De veres coroadó o teu merecimento.

Não, não te desanime um golpe inesperado,
Um effeito contrario ao que é do teu agrado:
Tu não debes julga-lo assim como parece
A'primeira emoção daquelle que padece,
Nem, de um lado qualquer que venha a desventura,
Te entregar cegamente á intima tortura,
Como, de se salvar perdida toda a crença,
A alma se abandonasse a sua magua immensa.

Não imagines que eu te haja voltado o rosto,
Quando de tempo em tempo enviar-te um desgosto,
Quando por algum tempo eu não conceda nada
Dessa consolação por ti tão desejada.
Tua firmeza assim de brilho se reveste
E assim é que se passa a meu reino celeste:
O caminho é melhor, si grande é o sacrificio;
E a quem quer que me ame é muito mais propicio
Qu elle custe ao que o faz tormentos em cortejo
Do que si corresponde em tudo ao seu desejo.

Leio do alto do ceo, mesmo em teu pensamento;
Vejo como em tua alma actua o soffrimento,
E julgo em seu favor que ella fique por vezes,
Sem o mínimo alivio, em meio dos revezes,
Para que um bom successo o orgulho não te eleve
E attribuas a ti o que a mim só se deve,
Comprazendo-te assim, sem o menor motivo,
Numa gloria fallaz e num falso attractivo.

A graça, que em teu seio agrada-me esparzir,
Posso, quando me apraz, tiral-a e restituir.

Alguns dons, que concedo e são de ti queridos,
Pertencem-me, ainda quando estão já concedidos:
Eu te dou, do que é meu, uma ventura certa,
E não tomo do teu, quando retiro a oferta.
Taes bens do meu thesoiro é que são emanados
E continuam nelle ainda ao te serem dados,
E, sua perfeição de mim tirando o sêr,
Si t'os faço gosar, conservo o meu poder.

Tudo, meu filho, é meu, tudo vem do meu seio;
Recebe tudo, pois, sem pesar, sem receio;
Si te faço arrastar uma sorte mesquinha,
Si te faço soffrer o mal que te espezinha,
Não percas sob o fardo a paciencia, o valor:
Posso te reanimar num momento o langor;
Posso pôr um limite á dôr que te excrucia
E trocar o seu peso em causas de alegria;
Mas justo sempre sou destarte te tratando,
Sempre digno de gloria, e a ti, pois, a demandando:
E te seja a existencia ou propicia ou fatal,
Da sorte varia assim quero um louvor igual.

Si tu podes julgar da minha austeridade,
Si acaso podes ver sem nuvens a verdade,
Os golpes mais hostis da sorte mais avessa
Nada têm que te abata e nem que te entristeça:
Ao envez disso até, taes acontecimentos
Só devem despertar teus agradecimentos,
Só devem despertar tua plena ventura;
Em todo esse rigor verás minha ternura;
E deves te alegrar attendendo destarte
Que meu favor afflige e não busca poupar-te.

Esse amor, que meu Pae manifestou-me outrora,
Eu ainda o dedico áquelle que me adora,
E tal o que votei nesses tempos antigos
Ao grupo, que escolhi, dos meus caros amigos :
No entanto, sabes bem que os entreguei na terra
Aos furores crueis de uma implacavel guerra,
A combates sem fim, a prelios perigosos,
E não á placidez de passageiros gosos.
Todos elles enviei ao desprezo, á crueza,
E não ás emoções gratas á natureza,
Não ao descanso vil, mas a grandes labores,
E a todos mergulhei nesse abysmo de dores
Para que a sua amarga e rude experiencia
Lhes desse os fructos bons que faz a paciencia.

Lembrem-te, pois, meu filho, as minhas instrucções
Ao te veres um dia em meio ás afflicções.

Rio, Agôsto 1927

Augusto Cavalcanti



SESSÃO SOLEMNE DE RECEPÇÃO

EM

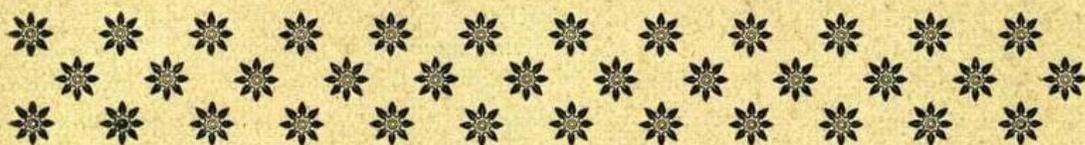
17 de Setembro de 1927

I

DISCURSO DE POSSE

pelo socio

Dr. Allyrio de Figueiredo



Senhores:

Ha dez annos, mais ou menos, ao publicar, no Rio de Janeiro, o meu primeiro livro de versos, dediquei uma das suas partes a Cesario Neto.

Eu deixava os bancos academicos em demanda da vida objectiva e aspera; e Cesario Neto, naquelle tempo, era um adolescente de quinze annos, estudante do nosso lyceu. Pois bem: em vez de patentear-lhe a minha amizade e admiração atravez de uma lembrança, de um brinquedo mesmo, quiz antes demonstrar-lhe a minha admiração de homem, dedicando-lhe um pedaço do meu livro de versos, um pedaço de mim mesmo.

E o prognostico não falhara.

Dez annos são decorridos; e hoje, homem feito, sinto-me feliz e orgulhoso neste momento, em que, nesta Academia de Letras, sou recebido pelas mãos do amigo querido e pelo talento, robusto e composito, por mim antesonhado ha dez annos atraz.

Moço de vinte e cinco annos, ja o seu espirito illuminado por uma admiravel cultura, galgou a grande estrada do pensamento, no ramo da critica literaria, mas da verdadeira critica, nobre e criadora, que tem bases seculares e eternas,—alta expressão de literatura, cultivada por Goethe e Sainte-Beuve, por Taine e Macanlay, por Anatole e Machado de Assis.

A cadeira vaga

Cabe-me ocupar, pela morte de José Magno da Silva Pereira, a cadeira nº 19, da qual é patrono Francisco Antonio Pimenta Bueno.

E, não tendo aquelle nosso illustre cõterraneo tomado posse, cumpre-me fazer, de accordo com os nossos estatutos, o elogio do não menos illustre mattogrossense e patronoda cadeira que ora tenho a honra de ocupar.

Nascido em Cuiabá a 10 de Novembro de 1836 e fallecido no Rio de Janeiro a 7 de Dezembro de 1888, Pimenta Bueno, que innumerous serviços prestára á Patria e ao Estado, só agora recebe, pela justiça deste Centro de Letras, a glorificação que lhe é devida.

Pimenta Bueno, militar e homem de sciencia, não foi, propriamente dito, um homem de letras.

Mas foi um mattogrossense de cultura geral e um grande servidor da Patria, e é o quanto basta para que lhe rendamos a homenagem que ora se realiza neste Centro.

Encarregado pelo governo imperial de innumerous serviços technicos, publicou, em 1876, um trabalho sobre o prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo; *Memoria* sobre o porto do Ceará; *Memoria* sobre a estrada de ferro de Sergipe; *Atlas* do imperio do Brazil e *Carta* da fronteira do Brazil. E, sobre Matto-Grosso, escreveu: *Historia da Provincia de Matto-Grosso*; *Carta da Provincia de Matto-Grosso*; e, encarregado pelo conselheiro Manoel Buarque de Macedo, escreveu, em livro de duzentas paginas, a *Memoria* sobre a *Provincia de Matto-Grosso*.

Morreu quando acabava de administrar a Provincia do Amazonas.

«Em todos os degrãos da nobre e digna carreira militar sustentou com brilho, quer nos recon-

tros do luta armada, quer nos labores da sciencia, o venerando nome que carregava como filho do nunca olvidado estadista Marquez de S. Vicente» assim se exprime, na sua morte, o orador do Instituto Historico Brasileiro.

Senheres, eis o papel das letras.

Este nome não figura nas placas denominativas das nossas ruas; e, pelo contrario, vinha dormindo olvidado dos homens e das cousas; e é por intermedio de um centro de letras que se perpetúa em nossa terra a memoria de quem nunca escreveu um soneto nem um conto, mas que nem por isso deixa de valer menos porque, dentro de sua esphera de conhecimentos mentais, foi um grande servidor da Patria.

O' finalidade literaria!

Aquellas armaduras forjadas pelos deuses com as quais os combatentes da Illiada entravam nas pugnas invulneraveis, não mais existem, carcomidas pelos seculos.

Mas ahi está, na sua immortalidade, revivendo aquelles feitos heroicos, a palavra de Homero.

Em prol do verso

Pela publicação de um livro de versos se me abrem as portas deste Centro de Letras.

Assim, permittí que as minhas ultimas palavras se façam ouvir em prol do verso e da sua finalidade.

A origem da poesia está no fundo mesmo da natureza humana, e foi, sem duvida, desde o seu começo, o grito e a expressão mais viva do coração do homem transportado fóra de si mesmo.

Examinemos os documentos antigos e veremos que o verdadeiro uso da poesia pertence á religião, que propõe ao homem o seu bem eterno e que senão o encontra senão em Deus.

Assim, a palavra de todo o homem de letras não deve de estar tão somente na pratica da literatura.

Deve estar sempre na defeza de Deus e defeza da Patria, contra o despotismo da força, o desvirtuamento da justiça, ao lado sempre dos oprimidos.

No jornalismo, na tribuna, no verso e na prosa ou onde estiver, que ella se faça ouvir, vibre, fulmine, redima e liberte.

Estamos numa Academia de Letras, mas nem por isso o caminho que trilha se desvirtúa, e, antes, confesso-vos que, neste momento, dentro destas ultimas explicações, desfio o meu rosario de profissão de fé.

A poesia sendo a mais alta elevação da palavra, o poeta, por onde ella se eleva, é um homem de responsabilidades.

Quando o Brazil precisou de armar-se, mas armar-se de mãos concientes, de soldados capazes, encontrou o maior dos obstaculos no horror dos seus filhos pela vida da caserna.

Mas o serviço militar se impunha. Pois bem: não foi pela palavra do sabio, não foi pela palavra do magistrado, não foi pela palavra do general que se efectivou o serviço militar.

Foi dos labios de um poeta que sahiu o primeiro grito, pronunciado numa Faculdade de Direito, grito que se tornou hymno e o Brazil armou-se.

Eis o papel da palavra e a responsabilidade de todo homem de letras.

O momento literario

A verdadeira literatura, a iluminada pela austeridade classica, atravessa, neste momento, a a sua phase de morte, esmagada pela força vencedora e inconoclastica da mediocridade.

E os que ainda levam a serio a literatura, procurando estaveis alicerces na leitura austera e grave dos classicos da lingua, noites e annos consumidos na paz das bibliotecas, esses poucos, se não sãc persiguídos, são, mais do que isso, despresados.

E para os espiritos verdadeiramente iluminados, e para os espiritos de bôa fé, para os espiritos que ainda leem Montaigne, Pascal, Frei Luiz de Souza e Camões, Santo Agostinho e Bernardes é doloroso o espectáculo que se lhes depara no galhardoamento, pelas Academias de Letras, dos eunucos da literatura e dos afeminados das letras.

Ja me foi dado contar a historia de um eminente politico nacional, acreditado na sua conta corrente como homem de letras, e a quem perguntando eu si gostava mais de Victor-Hugo ou Machado Assis, respondeu-me simplesmente que conhecia muito a ambos, mas tão somente de nome.

Este dialogo real se me afigura o mais perfeito symbolo da cultura literaria, ora vencedora.

De mim para commigo

Todas as vezes em que faço a critica da minha propria obra me vem ao pensamento este conceito de Maurice Barrés: «A força da intelligencia e da sensibilidade pertence somente aquelles que vivem em contacto sincero consigo mesmos.»

E, escrevendo tão somente o que me vem da sensibilidade, eis o meu unico merito, si por acaso o tenho.

Nem falças dores, nem supostos prazeres.

Assim, ao escrever os meus versos, não o faço por diletantismo, como è corrente, mas por uma função congenita da minha personalidade artistica.

O homem e o artista

A unidade da belleza será a identificação da natureza moral com a natureza mental.

E é consequencia logica deste postulado esthetico a affirmação de que o artista deve atingir, como virtude maxima, essa harmonia suprema do character e do talento, do homem de acção com o homem de idea.

Dizia Ruskin que só a arte pode conduzir os homens á unidade.

E é como crente da esthetica de Ruskin que entro jubiloso nesta casa de intellectualidade porque nella sinto pelas normas da sua actividade, a realização deste transcendente principio literario, feita com o instincto da harmonia e com o senso da realidade.

E acceito com satisfação, illustres confrades do Centro Matto-Grossense de Letras, a investidura que me dás de vosso companheiro de trabalho nesta corporação presidida pelo grande espirito de José Mesquita, porque desejo colaborar com vosco, concorrendo com os meus esforços e com a minha boa fé, para o engrandecimento do nome de Matto-Grosso.



II

DISCURSO DE RECEPÇÃO

Pelo socio

Prof. Cesário Neto



Senhores

Quando me vi assoberbado com a incumbência de receber, nesta solenidade, em nome do Centro Matogrossense de Letras, o seu novo socio Alirio de Figueiredo, não foi, como se suporia, a ideia de uma incompatibilidade pessoal a que primeiro me salteou.

Que fosse ela razão para me inibir de tal desempenho, cousa é que depende do critério particular de cada um. E sendo assim, guiei-me unicamente pelo juizo claro do nosso presidente, José de Mesquita, para quem não pareceu existir tal incompatibilidade, havendo entre o que recebe e o recipiendario os laços sagrados da familia.

Não fiz mais do que obedecer como bom soldado, embora nesta milicia das letras não seja a disciplina tão cerrada.

Afinal, pensei eu, irmão por irmão, somo-los todos os do Centro de Letras, pela função e pelo influxo fraternizante desta casa de espirito.

E como se não bastassem tais razões, abordei-me, de mim para comigo, ao exemplo, que constitui sempre o argumento mais persuasivo em todas as cousas: — occorreu-me o caso de Guyau, o qual encontrara o seu melhor interprete e critico literario em Alfredo Fouillée, seu parente próximo pelo sangue, não só pelas doutrinas.

Ao buscar este simil, bem estou sentindo irromper de todos o intuitivo revide de que Alfredo Fouillée é Alfredo Fouillée, ao passo que eu sou eu, sem os re-

curso extraordinário de penetração e de isenção, que me elevassem além dos limites da minha personalidade.

Se assim pensais, estou com vós todos. Numa coisa, porém, haveis de estar comigo: que para aquele caso se tratava de uma profunda interpretação filosófica, e aqui simplesmente de uma saudação académica.

Bem estou certo que outro dos nossos, que neste momento recebesse Alirio de Figueiredo, maior brilho, maior entusiasmo, daria a esta recepção. Nem por isso, todavia, me pungem remorsos de ter accedido a incumbencia, porque, posso afirmar-vos, ninguem falaria agora com mais sinceridade do que eu.

E aqui trazido pela sinceridade, será ela a que me obrigue a restringir este discurso, fazendo-o consistir numa revelação, ou melhor (di-lo-ei assim), numa denuncia, que tem para mim imenso alcance, como vós mesmos podereis ajuizar.

O poeta que até agora conheceis em Alirio de Figueiredo, através das suas composições publicadas, é o poeta cujo estro se expande em tonalidades suaves e doces, espiritualizando o amor, exaltando a mulher, cantando o patriotismo, glorificando a familia, poesias, onde a prodigalidade do coração fraterniza e se casa com o vigor da expressão, com a segurança da tecnica e com a movimentação harmonica do ritmo.

Sabei, no entanto, que apenas conheceis um aspecto significativo do seu talento e do seu eu. Ignorais ainda a essencia da sua estetica, o fundo da sua personalidade literária.

Ao trazer a publico esta particularidade, sei ir de encontro a uma determinação tacita do poeta, que, levado por inexplicável pudor literário, guardava para mais longe o mostrar-se nesta feição.

Na maior parte das poesias do seu segundo livro, ainda inédito, revela se êle um observador penetrante

dos homens, um conhecedor dezabusado das miserias sociais, um espirito rebelado contra as torpezas da vida.

Se o tendes visto perambular por jardins formosos, sabei, todavia, que ele ha trilhado asperos caminhos, onde o pungiram e laceraram espinhos lancinantes.

Foi a uma de tais feridas, que êle se expandiu neste

Lirismo do pó

*Negreje a noite, esplenda a aurora,
Gele-me o ser,
Verei sorrindo a ultima hora
Do apodrecer.*

*Que a minha cova fique perto
Das dos plebeus ;
Ficando assim, fica de certo
Junto de Deus.*

*Temer não pode, pois, a morte,
Quem não viveu ;
E, na tortura, feito forte,
Envelheceu*

*Mais do que nunca sou sincero
Nesta elegia,
Feita, a chorar, no desespero
De uma agonia.*

*Nesse momento em que o cansaço
Nos pede um termo ;
E em desespero, alem, no espaço,
Vemos um ermo.*

*E' quando chega a realidade
—Man o f'era!—
Que tudo enluta: a claridade,
O sonho, o ideal.*

*E, exposto á furla iconocasta
Do vencedor,
A propria vida é uma madrasta,
Senão pior.*

*Quero-me ver, pois, decomposto,
No meu caixã';
E, em vermes transformado o rosto
E o coração.*

*O coração, principalmente
O coração,
Feito de sonho unicamente,
E de perdão.*

*Quero senti-lo no abandono,
Putrido e só,
Na paz beatifica do somno
Do pó, do pó!*

Fazendo-vos esta revelação, temo, senhores, que ela dê ensejo a futuras injustiças contra o poeta, injustiças que, em casos tais, costumam seguir-se às expressões francas da duvida ou do pessimismo, que recebem a pecha de contrafeitas ou maldosas.

Foi o que incrivelmente cometeu Sainte-Beuve para com Lamartine, arguindo-lhe ironicamente uma passagem amarga das *Confidencias*. E dizer-e que esta falha, não só injustiça, incorreu-a Sainte-Beuve, o critico de maior penetração psicologica, e de quem, em curioso simil, afirmou um dos seus discipulos que deveria ele, a maneira de Platão, gravar no portico da sua escola o distico soberbo— *Aqui não entre quem não for psicólogo*.

Razão tem, pois, o nosso poeta de occultar êste aspecto da sua vida espiritual, vendo que em materia tal pecou Sainte-Beuve, quanto mais no Brasil, onde a critica literaria actualmentê é exercida,—excepção feita de alguns espiritos nobres e cultos—, por escriptores

sem boa fé,—alguns a cujo admiravel talento não corresponde a seriedade da cultura, e outros em quem a ausencia de ambas estas qualidades é compensada unicamente por uma viva vontade de brilhar.

E hoje se alastra pela nossa literatura, com ares morbidos, certa ingenuidade hipocrita, nascida não sei de onde, certo optimismo fabricado, certo idealismo de agua doce, aos quais se devem tantos reproches atirados contra espiritos nobres e elevados, pela simples razão de haverem sofrido as fundas angustias do pensamento e de no-las terem confessado com desassombro, com franqueza, e com lealdade. Aí está para exemplo, e quasi direi para espantallo, a attitude do sr. Luis Murat, que ainda no ano passado, em serie de artigos rasos, emprendeu a mais tremenda campanha demolidora contra a memoria augusta de Machado de Assis.

E' preciso desterrar para bem longe essa critica odiosa. Fique-se quem quizer com a sua literaturazinha amena de *boa gente*, de *amaveis vizinhos* e de *minosas flores*; faça o que lhe aprouver, porem saiba respeitar os direitos sagrados do pensamento, simbolisados na dor daqueles que mais fundo sofreram porque mais fundo penetraram a essencia das cousas.

Todas as grandes criações literarias são filhas da dor. Nelas palpitam os transportes de uma alma ferida pelo olhar da esfinge e torturada pelos vislumbres do misterio infinito. São criações eminentemente humanas, são frutos doloridos dos seus martirios interiores, amadurecidos á luz da sua intelligencia e ao calor do seu coração, merecendo portanto o nosso affecto, o nosso respeito, o nosso interesse fraternizante. Porque sob o cunho subjectivo, que nelas aparece, vibra o alto significado humano que o artista lhes imprime, e onde sentimos que a sua dor é a nossa propria dor.

Não que eu pretenda fazer a apologia do pessimismo. Sei apenas, — e é mister afirma-lo sem hipocrisia

—que é este a consequencia dolorosa de toda investigação profunda sôbre a vida.

Mas a dor não mata, o pessimismo não estanca as fontes interiores da alma, senão que as fecunda e fortalece, para a escalada ingreme do aperfeiçoamento moral. O que mata ou esteriliza é a inercia, gerando o desespero.

Se alguns espiritos, como Schopenhauer, como Amiel, como Alfredo de Vigny, se deixaram sufocar pelo bafo atroz da desilusão e do negativismo, outros heuve, dos que de perto encararam o mal, que souberam equilibrar lhe a magnitude, guiados pela luz da razão, e fortalecidos pelas energias indomitas da fé, fazendo brotar, do esterquilinio dos desenganos, novas illusões, novos sonhos, novas razões de crer, como flores eternas de consolação. E' Platão, que sente no tormento dos seus odios pessoais, o movel mesmo, o impulso para construir a mais perfeita concepção idealistica do mundo: é Pascal, convencendo-se fundamente das miserias e baizezas do coração humano para delas elevar se, pela fé, à sublime filosofia contemplativa da salvação; é Taine, cujo materialismo desabusado floresce em sedutoras e fecundas doutrinas esteticas.

E' preciso que viva dentro em nós êsse principio ideal, essa potencia interior,—sentimento ou idea, que vibra em esperança e fé, como virtude disciplinaria da alma. Se ela nos falta, a nossa alma é um lenho sem norte, arriscado a sossobrar nas tormentas inevitaveis da vida.

Quem não possui esse amor ideal, essa aspiração ao infinito, a sua propria vontade se expõe a perder-se no fanatismo de idolos falsos e efemeros que o surpreendem nos caminhos do mundo. Só a autoridade de uma ideia superior poderá levar-nos às grandes re-

alizações espirituais, nos domínios da acção, como nos dominics do penamento e da arte.

Senhores, o poeta a que hoje prestamos a homenagem da nossa admiração é um desses espirito que da visão amarga, mas verdadeira dos homens e das cousas soube forjar o seu espirito ao bafejo sadio do ideal e da fé,—duas asas pujantes que o elevam para as alturas serenas da beleza e do bem.

Alirio de Figueiredo, perdoa a maneira vaga e ruda com que me refiro ao niso da tua intelectualidade. Busca ver nas minhas palavras, não a letra que é morta, mas o espirito que lhes dá vida. Bem sei que melhor me agradecerias estas palavras, se se expandissem na intidade do coração, do que pela forma ruidosa de um discurso.

Permite, porem, que eu exalte neste momento, acima do intelectual, o homem de character, character forjado nas lutas contra os estorvos que a mediocridade petulante opõe ao valor intelectual e moral, e mais num meio como o Rio de Janeiro, onde lutaste, e onde a eficiencia real do progresso material contrasta com a mais dolorosa miragem de civilização.

Dizem que é do acaso proporcionar-nos menos bens do que males. E', todavia, a êsse mesmo acaso que eu devo agradecer esta nunca sonhada oportunidade, jubilosa e festiva, em que me é dado, a mim que te acompanhei nos dias de luta e desalento, ser hoje, no dia da tua glorificação, o interprete da mais alta corporação literaria do Estado, que te presta espontaneamente a homenagem devida ao teu valor.

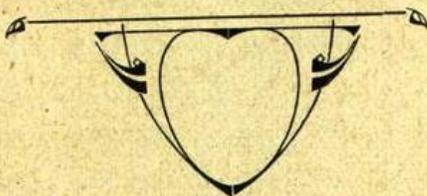
Sei que dobradamente te vale esta manifestação, porque se as minhas palavras falam, no significado pessoal, como simpatia e como sinceridade, vibra-lhes ainda a mesma simpatia e a mesma sinceridade, como elementos da admiração que te vota a intelectualidade tôda da nossa terra.

Não é, pois, o irmão pelo sangue, não é o irmão pelo affecto, não é o irmão pelo aconchêgo do lar; é o irmão pelo ideal, é o irmão pelo labor da intelligencia, é o irmão pelo Centro Matogrossense de Letras, que, em nome dêste augusto sodalicio, vem trazer-te as expressões da nossa cordialidade e os votos de boas vindas.

Sê bem vinto a esta casa de amor e de trabalho, de amor desinteressado da arte, e de trabalho fecundo do pensamento. Entra com jubilo, entra com fé, com segurança, com a consciencia da tua elevação; transpõe os umbrais desta casa, onde eras de ha muito esperado, de ha muito desejado, e admirado através das tuas paginas cantantes.

Entra, e comunga conosco da nossa faina, nesta colmeia radiosa, onde, fraternizados, pela intelligência, sonhamos e pensamos, trabalhamos e esperamos,

*não "movidos"
de premio vil, mas alto e quasi eterno.*



TARDE DE INVERNO

Uiva lá fóra a ventania.
Chove. Que tarde triste!
Ao teu regaço, como uma leôa,
Acolhes os teus filhinhos...
Venão-te assim, revejo a minha infancia...
Ah! minha infancia... doce resonancia
Que ainda oiço em meus Silencios.
Re etição de um quadro e da mesma emoção...
Minha Mãe partiu e tu a redivives
Hoje!
Assim mesmo ella fazia
Quando rugia a tempestade fóra:
Entre os seus seios apertava-me
Livrando-me do horror das tardes bravas.
Agora tu com teus filhinhos...
Mãe morta... Mãe viva...
Bem dita tempestade,
Que me transporta aos meus dias longinquos
E me faz escrever estes versos sentidos.

Oscarino Ramos

A marcha das horas

*Manhã... Policromia angélica de côres...
Um allegro de sons pela floresta immensa...
Por tôda parte a vida a palpar intensa
Na confusão de sons, de formas e de flores.*

*Tarde... Um rosário ideal de penas e de dôres
Nos convida a rezar e a meditar na crença;
Sob um manto ideal como um mortal que pensa
Vai o sol tristemente escondendo os fulgores.*

*Noite... O luar sacudindo os cabellos de prata
Faz lembrar a anciã, cuja trança desata
No estertor glacial dos ultimos arrancos.*

*Qual o dia tambem nossa vida assemelha:
Manhã, a tarde, a noite,—a última centelha
De uma luz de luar—nossos cabellos brancos.*

Franklin Cassiano

Chromo de villa

A Farcisio Azambuja

A casa de mestre Ignacio, o bom, o generoso ferreiro de Estrella, é o ponto de parada na redondeza.

Bem vêm que não fica sob a cópa frondosa de um velho castanheiro, como a daquelle ferreiro da poesia de Longfellow.

Fica na entrada da villa, a qual, vermelha, zig-zagueia pelas encostas da serra, sobre morros e valles de pastagem.

Do seu alpendre descobre-se a villa com as manchas do seu casario, como si fosse um grande passaro pousado no verde dos dois montes do engaste da montanha, com a pinta branca das paredes caiadas e o vermelho vivo dos seus telhados sempre lavados da garoa invernosa.

Lá se apeiam os que vêm de Pilões e vão para Estrella. Os que descem da cidade, cabeça da comarca, e vão para Monte-Alegre. Os que buscam a Capital e os que della regressam. Os cavalleiros, os carreiros, os caminhantes á pé.

Os animaes ruminam amarrados aos frades da calçadinha, e os bois, jungidos aos varaes dos carros, pacificamente amodorraram á sombra das arvores á beira da estrada . . .

E ha, fóra, o zum-zum das compridas e altas conversas sobre a colheita, a peste do gado, as enchentes, as proximas eleições, enquanto pela forja a dentro vae a respiração de uma heroica labuta de pequenos titans.

Não ha mãos a medir para as encommendas. São concertos de ferro de lavoura, de armas de caça, peças de carro, um mundo de ferragem de que só mestre Ignacio entende e dá conta.

Nas paredes esborcinadas e no tecto sem forro o picuman teceu franjas e rendas como um luto de pobreza, mas alegre a forja a illuminação das labaredas, das fagulhas do fogão. Ao rythmo do malho na incude, responde o sopro do folle que horas a fio, sem parar, o Ivo, o filho mais velho, seus quatorze annos, vae tocando numa admiravel gymnastica de todo o corpo, o pé

sobre uma prancha, um braço dependurado ao gancho que puxa o folle.

Tambem com o rosto encardido de ferrugem, o João, outro garoto mais novo, segura com a tenaz sobre a bigorna, um ferro em braza, destinado a supporte de calha dagua, dando-lhe mestre Ignacio de rijo com o malho, arrancando chispas de cegar.

E súa e tressua o bom operario. As rugas da fronte escorrem como esponjas espremidas e elle enxuga o suor, quando o João esfria a barra no póte dagua, chiando e esfumaçando . . .

Lembrando-se da operação de vespera, quando vira o pae vazar o estanho liquido e fervendo num caixotim de areia, o Carlinhos, o pequeno de seis annos, pede-lhe com olhos espipados c'e curiosidade :

—Vamos abrir o molde, papae ?

—Vamos vêr, vamos vêr, concorda o pae que desparafusando o caixote e retirando a areia, mostra com ares triumphaes a peça de freio inteiriço, bem fundido. O Ivo ja é perito na limação e ha de polir e repolir a peça té ficar com o brilho de prata nova.

E todo o duro, aspero trabalho, mestre Ignacio executa assim na alegria dos filhos, embora no luto daquella que partiu e cuja falta ainda todos sentem muito viva, principalmente em casa, quando fechada a officina, ella lá estava para sental-os á mesa e servil-os, e depois conversar á noite, fazendo o seu *crochet* perto do lampião, emquanto o pae cachimbava na sua cadeira de braço, té que todos se fossem accommodar. O' a bôa mãe, por que partiu para sempre, por que a morte a levou ?



Coração generoso que a todos seduz, prende e captiva, mestre Ignacio é um padrão moral, talvez o mais puro, o mais nobre das cercanias de Estrella.

Todos sentem a sua silenciosa, sùtil, influencia benefica.

Sobre não beber, não jogar as cartas, nem siquer jogar a malha na folgança dos suétos, mestre Ignacio ainda desvia do vicio todos os má encaminhados do logar. E' assim que regenerou o Euzebio, um preto affectivo, prohibindo-o de brincar com os seus filhos emquanto se desse á bebida. E, entretanto, si ao cahir da noite, encontra na estrada algum alcoolizado, o bom ferreiro compadecido monta-o no seu tordilho e com a ajuda do Ivo que segura e puxa as caimbas do animal, amparando o pobre diabo pela

cinta e subindo e descendo os caminhos enlameados da serra, levam n'ô pr'a casa, para a familia receiosa.

Prestativo, ensina os filhos a serem serviçaes. Elles é que vão á agencia do correio procurar para diversos a correspondencia que a malandragem do estafeta deixou de entregar. Em noites de breu correm á cidade á procura do doutor para a visinha que de repente adoeceu.

E si o vigario tem de levar a extrema-uncção a alguém, já se vê um dos filhos de mestre Ignacio empunhando a umbella ou alçando a cruz do piedoso prestito.

E na athmosphera de estima local que se criou, parece que tudo caminha tão bem para o bom ferreiro, que até Padre Nonno o aponta como exemplo de uma vida recta que por si attrahe a a felicidade.

A felicidade . . . poderia acaso sentil-a mestre Ignacio, depois da perda da sua querida Rosa? Ella se foi de uma vez para sempre, mas que valem queixas contra os golpes do destino? E como seus labios se fechavam para as coisas irremediaveis da vida, tambem não se abrem para nenhuma queixa, para maledicencia alguma dos actos humanos. Ao contrario, tem sempre prompta uma desculpa, uma atenuante para os defeitos, para as fraquezas de todos da villa.

Admoestando erros de suas ovelhas, Padre Nonno muitas vezes lhes tem dito:

—Olhem para mestre Ignacio. E' feliz porque nada de máo póde acontecer a um homem tão bom.

Entretanto uma manhã correu pela povoação um fremito de susto, de pezar, como si os ventos que sopravam dos pinaros da serra, trouxessem grandes desgraças. Corria de bocca em bocca a noticia de um desastre na tenda do ferreiro.

O homem estava semi-morto com uma pancada na fronte. Escapando da tenaz que o Ivo segurava, uma barra de ferro projectou-se-lhe na cabeça a um golpe em falso do malho. Ao alarido dos pequenos, alvoroçou-se a visinhança, prestando logo os primeiros soccorros, enquanto fóra formavam-se os grupos dos que acudiam de longe e punham-se a commentar compassivamente o triste accidente, prevençõ desfecho lugubre, a morte do bom ferreiro e o desamparo das crianças.

Mestre Ignacio porém nesse mesmo dia recuperou os sentiços e noutro ja se erguia como si nada houvesse soffrido.

Que a pancada entretanto fóra de força, não havia duvida, porque desde então mestre Ignacio abandonou a officina, parece que com a caixa do miolo completamente avariada.

E enquanto os filhos é que executam os concertos de armas, os ferros de lavoura, freios e peças de arreio, para ganharem a vida, numa heroica labuta de pequenos titans, mestre Ignacio sentado num tamborete á porta da officina, a cabeça amarrada com um lenço de chita vermelha, uns ares alheios á guiza de idiotia, passa todo o dia a contemplar a paizagem de ródá, a villa ao longe com as pinceladas brancas e rubras de suas paredes e seus telhados onde defflue a vida para todos—a vida que para todos é uma amarga, dolorosa decepção—bons ou máos como quer que sejamos.

Cesario Prado



Homenagem posthuma

A' memoria do major dr. Oscar Lima

Eu ouvira fallar em seu nome afamado,
No conceito que tinha em tempos de estudante,
Poís que jamais se vira um caso tão frisante
De esforço varonil na vida de um soldado.

Sim, tudo elle affrontou num gesto denodado,
Olhos no seu ideal, seguindo sempre avante;
E de simples sargento (exemplo edificante!)
Vimo-lo se tornar um medico laureado.

Não lhe bastou, no emtanto, essa etapa vencida;
Aos iouros da victoria elle quiz em seguida
Acrescentar ainda os de um combate novo.

E na faina febril da clinica incessante,
Foi pela Caridade, a virtude radiante,
Que alcançou um logar no coração do povo!

Augusto Cavaicanti

Mentira...

El José de Mesquita

*Era noite... e eu jurei que era alto dia...
A mim mesmo eu mentia, ao mundo, a tudo...
E vendo que a emoção já me trahia,
Para enganar a todos—fiquei mudo.*

*Da fé jurada, que era o nosso guia,
Meu fatidico amôr, quebraste o escudo!
E na minh'alma oceanica bramia
Bater das vagas pelo vento rudo.*

*Morta? Esquecida? Não! Fazer-te morta?
Mentira. O amor, que vae, deixa uma agrura...
E um frio fino que á alma humana corta.*

*E o coração que amou, guarda a gemer:
—A tristeza dos dias de amargura...
—A saudade das noites de prazer!*

Octávio Cunha.

Tumulo esquecido

*Quando o semblante fica contrafeito.
Denuncia os embates de algum mal!...
Tenho-o no sangue meu, em mim, no peito,
Assim n'agua do oceano habita o sal...*

*Pensei... E a imagem d'ella evôco e esperto...
Meu pensamento armou-se de um punhal,
Rindo por ver, de breve, o amor desfeito,
E deu-lhe o golpe rispido, letál.*

*Morta? Ergui-a! Um cadaver. Noite escura.
O horror do crime tura-me o sentido:
—Rasguei meu peito e dei-lhe sepultura!*

*Arranquem n'a de mim!—Clamo, hoje, em vã!
—Meu coração é um tumulo esquecido...
—Mora um cadaver.. no meu coração!*

Octavio Cunha

9.-927.

Guanabara

Entre o languido arfar marulhoso das ondas,
(A noite é calma... o mar é verde... é branco o luar...)
Um barco singra, ao longe, a agua glauca do mar,
—A prôa erguida, as velas alvas e redondas.

Saudosa voz murmúra, o ar nocturno vibrando...
Um violino soluça uma nota chorosa...
Sopra o vento, esfrolando o dorso á onda medrosa...
O céu de ouro fulgúra, as aguas constellando...

Muito alem,—onde o olhar no horizonte se perde,
—Onde a montanha azul adormece, tranquilla,
Num raio do esplendor da lua-cheia,—scintilla
A Ilha de Paquetá, como esmeralda, verde...

Dominando a extensão que lhe cinge a amplitude,
—A' beira d'agua, dorme a Cidade da Luz...
E os montes, em redor, semelham bronzeos, nús,
Sentinellas, de pé, o aspecto torvo e rude.

E a Guanabára sonha, ao luar o seio arfando...
E enquanto o dia vai, lá da Barra, nascendo—
—A voz do canto, pouco a pouco, vai morrendo...
E o violino parece alguém que está chorando...

Castro Brasil

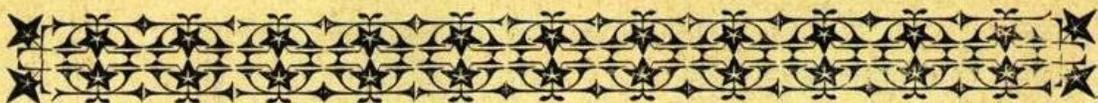
LOLÓTA

(paginas rememorativas)

Pierre achete des poupées... Et les aime. Et aime plus une que, selon sa mère, n'était la plus jolie.

(A. France—Le Petit Pierre, pg. 64)

El Cesario Netto



LOLÓTA

Eu tinha cinco annos quando conheci Lolóta. Depois disso que de tempo lá se vai, no arrastão da vida que me leva e a criança simples, alegre e despreoccupada se transformou no homem cheio de responsabilidades serias e trabalhos extenuantes.

Nem sei o que é feito della, nem mesmo posso afirmar que ainda exista, aquella encantadora creatura que perfuma de um vago aroma de saudade e de poesia os dias longinquos de minha infancia feliz.

Ella e mais duas outras amiguinhas suas—Dinazalda ou Dina, como era mais conhecida, e Morerinha,—enchem todo um capitulo do meu complicado vivêr de criança.

Todas tres eram muito minhas camaradas e de tal sorte me affeçoara ao seu convivio que sentia uma verdadeira necessidade de vê-las para a satisfação dos meus innocentes desejos infantis.

Sem ellas não havia brinquedo que me fosse inteiramente agradavel e, si, porventura, os laços de uma intimidade maior me prendiam a Lolóta, por motivos que adiante serão explicados, é certo, todavia, que para o complemento natural e harmonico de minha felicidade—ó a facil felicidade das crianças!—mister se fazia que as outras duas não tardassem a vir igualmente tomar parte no folguedo.

A que por primeiro conheci foi Lolóta e dahi provem o ter-me affeçoado mais a ella do que a outra qualquer, comprovando a lei psychologica que, desde os primeiros annos, nos demonstra irrefragavelmente a maior durabilidade das primeiras impressões.

Tudo o que me recorda dessa phase inicial de minha existencia é vago, indefinido, meio nebuloso ; factos e sensações, pessoas e acontecimentos me surgem, por vezes, á tona da memoria, como atravéz de uma lente esfumaçada, uma paizagem cujos contornos se esvaem e se imprecisam na fluida e impenetravel cerração de inverno...

Nem me lembra precisamente o dia em que vi Lolóta pela primeira vez, pormenor este de que costumam fazer grande praça os poetas e os namorados com relação ás suas damas, mas que inteiramente—e com pezar o confesso — me fallece, no caso que venho narrando...

Posso mesmo dizer, com a sinceridade que preside a esta historia, que, das tres amiguinhas, só me recorda em todos os seus pontos, a biographia da mais moça, a graciosa e brejeira Moreninha.

Com ser a que conheci em ultimo lugar foi, por isso mesmo, aquella que me foi dado conhecer melhor.

Explica se.

Apurava-se gradativamente no meu espirito a faculdade analytica, o poder de observação—que é um dos mais altos apanagios da especie humana—e dahi o retêr melhor as impressões desse periodo que as do anterior

Foi um domingo, um daquelles deliciosos domingos da meninice, tão cheios de evocações e lembranças... Havia festa em S. Gonçalo.

Minhas tias, de volta da missa cantada, trouxeram para a nossa casa aquella encantadora menina...

Sim! porque Moreninha era encantadora com as suas feições risonhas, os seus modos desembaraçados, em que havia a precocidade das pequenas de hoje e os seus grandes olhos negros, buliçosos e expressivos.

Meia hora depois eramos os camaradas mais inseparaveis deste mundo.

A recém-chegada empolgou-me, durante os primeiros dias, todas as atenções e carinhos.

Assim é, em que nos pese confessal-o, pois, a despeito do velho conselho da sabedoria classica, não ha quem, por muito constante que seja, não cêda á influencia do novo e do desconhecido.

Desde logo as tres se familiarizaram, entrando eu nessa obra de confraternização como o elemento plástico, o traço de união, o vehiculo das sympathias reciprocas.

Era eu sempre, ou a minha tia mais moça, que as faziamos fallar, entreter entre si longas e interessantes palestras.

Nós as dirijiamos á nossa vontade, tão submissas eram: certos dias, a nosso talante, ellas iam a passeio, outras vezes á escola, e outras á missa...

Falei ha pouco dos domingos de outrora e não vai mal que de passagem eu diga que a minha vida, em suas diversas phases, se caracteriza pelo aspecto e pela influencia dos domingos. Posso até affirmar que é atravez da côr dos domingos que eu reconheço as diversas mudanças que o tempo insensivelmente vai operando na minha existencia.

Houve um tempo—ó dias felizes e incomparaveis!—em que o domingo era para mim o dia melhor, em que eu vestia a minha roupinha de gala para ir á missa com a minha mãe ou com as minhas tias.

Quem, por mais sceptica que se lhe haja tornado a alma, esquecerá pela vida afóra, as missas que assistiu nos dias da puericia, na velha igreja parochial, silenciosa e austera, ao lado dos seus queridos parentes, ouvindo, num mixto de admiração e receio, o ruidoso bimbalar dos sins e o grave soluçar do organ?! Ainda hoje evoco com saudade as figuras respeitaveis do Padre Cura, vigario da Sé, nosso velho parente, typo do sacerdote secular do antigo regime e do Nascimento, velho armador da Cathedral e *factotum* ecclesiastico, com

as suas feições características, rosto todo crivado de *bexigas*, passo grave e solemne, como si aquelle ambiente mystico em que vivia lhe houvesse transfundido um pouco de hierarchia catholica, tão augusta e suggestiva...

E os dias de missa pontifical, em que o Senhor Bispo, com o seu numeroso sequito, de vestes encarnadas, a longa cauda sobraçada por um menino, penetrava o templo cheio de fieis, a lançar, num gesto fidalgo de embaixador de Deus, a sua benção lenta, grave, untuosa sobre os assistentes que, prosternados, mãos em attitude de prece, curvavam as cabeças humilimas...

E os domingos de procissão, quando eu sahia de anjo, todo radiante, porém contrafeito, na minha roupinha de setim azul, com azas de pennas brancas, diadema de pedrarias á cabeça, levado pela mão de um de meus velhos parentes, a imaginar a hora em que, terminado tudo, regressasse para a casa com o meu cartucho de confeitos...

Vieram, depois, os domingos de escola, dias para mim cubiçados, pelo descanso que traziam, após os 6 dias de aulas e tarefas. Já então eu amava no domingo o interesse que elle me trazia e não os simples prazeres que me proporcionava...

Podia nesse dia accordar um pouco mais tarde e passar todas as horas, ou quasi todas, em casa, no doce aconchego familiar, para mim sempre agradável...

Seguiram-se a estes os domingos de adolescente e moçoilo, já com outras preocupações, os passeios de bonde, no carrinho desengonçado, da Mandioca ao Porto, com o conductor a soltar o estridulo apito nas rampas e curvas da cidade...

Hoje, as nossas "melindrosas" e os "almofadinhas" que andam de auto, vão ao cinema e vestem-se *a la moda*, de roupas cintadas, muito carmin nos labios e frivolidade nos espiritos—não podem comprehender a vida pro-

vinciana de uns 15 ou 20 annos atraz, o prazer dos passeios dominicaes no classico bondinho da "Empresa Cuyabana" e do jardim em que havia outros habitos e as palestras eram bem outras, como os costumes *atrazados* daquelles bons tempos!

Após veio o periodo de minha transplantação, por assim dizer, do meio em que nasci para uma cidade grande, em que a minha noção dos domingos, como a da vida, por força se transformaria de todo em todo.

Amei, então, no domingo, o seu aspecto de bohemia, os convescotes no campo; as romarias das *grisettes*, as visitas, o *foot ball*, os corsos, as corridas, tudo, emfim, que forma a alma instavel e variada das cidades grandes.

Por ultimo, de retorno á minha terra, comecei, de novo, a comprehender melhor o encanto dos domingos --ha quanto tempo eu não ouvia uma missa, nem via uma procissão!—e hoje amo esses dias silenciosos, que parecem mais longos, com o seu ar burguez, as suas folgas burocraticas, as visitas dos parentes, o pyjama, as delicias da leitura dos jornaes, ao doce embalo da rêde macia...

Estendi-me por demais nesta digressão domingueira, e volto a Lolóta e ás minhas camaradinhas de infancia, antes que me abandones, leitor amigo, si é que já me não abandonaste... Mas, si tens uma parcella de sensibilidade, me comprehenderás e me darás a excusa que te lãõ peço... Dizia eu que entre as tres amigas se compartia igual o meu tempo e direi ainda que o meu affecto... Como eu as queria e como pareciam ellas tambem me estimar! Não me lembro de desgosto sério que dellas me viesse, a não serem rusgasinhas, arrufos muito communs entre os que se querem, quanto mais sendo crianças...

Ellas não podiam ter, está bem visto, o mesmo genio e os mesmos gostos: educação, temperamento,

tudo nellas diversificava, como as feições e as maneiras.

De resto, si assim não fosse, que vantagem haveria em distinguil-as? Ao passo que Dina sempre me pareceu um pouco altiva e fria, com certo ar de superioridade inconsciente que, mau grado a mim mesmo, me prendia—as crianças são homens em miniatura, com todas as suas qualidades e defeitos—Moreninha era, ao contrario, toda sorrisos e expansões, cheia de meiguice e infantilidade e Lolóta—a mais incompreensivel e por isso mesmo, talvez, a que mais amei—entre alegre e reservada, tinha um não sei que de futura mulher já a trahir-se para mim no seu todo mimoso de criança...

Era, quasi sempre, a de melhores alvitres, a que desempenhava com mais acerto as funções que nos nossos brinquedos lhe cabiam, as quaes variavam desde o papel de rainha magestosa até as subalternas attribuições domesticas.

Assim as classificava a minha rudimentar psychologia infantil: Dina era a mais bonita, Moreninha a mais brejeira e Lolota a mais terna.

Mais tarde li em Garret que ha tres especies de mulheres neste mundo: a bella, que se admira, a voluptuosa, que se deseja e a meiga, que se ama.

Não é bem isso o que diz Garret, pois as palavras que Carlos dirige a Joanninha, nas "Viagens na minha terra" são outras, mas, no fundo, roupagens diversas do mesmo pensamento.

Não me posso furtar, entretanto, a frisar este extranho acaso que me fez naquellas tres creaturas que me appareceram mysteriosamente na antemanhan da vida, encontrar symbolizados tres diversos tipos que, por assim dizer, resumem, nas suas linhas geraes, a immensa variedade dos typos femeninos que, pela vida adiante, me seria dado encontrar...

Dellas a que mais parecia gostar de mim era Moreninha, mas posso affirmar que, sob o seu aspecto de fidalga de outras eras exilada no presente, Dina, ou D. Dina - era a que, realmente, me teria maior amor.

Lolóta...dessa não fallo.

Eu a queria muito para poder comprehendel-a...

Naquella idade faltava-me essa agudeza psychologica que os annos trazem e a observação da vida desenvolve em nós.

O tempo de nossa camaradagem foi relativamente curto.

Aos 11 annos, quando mudei de casa, passando do nosso velho solar de familia para novo e extranho lar, já ellas me haviam abandonado.

A dizer a verdade-é este outro ponto obscuro de minha autobiographia, que deixo aos posteros o cuidado de esclarecer-não sei se fui eu quem as abandonara primeiro em busca de outros ideaes e de novos affectos, menos constantes talvez...

A vida é bem triste si nos pômos a pensar no que foi, no que é, no que poderia ter sido...

Por isso o melhor é deixal-a ir, acceital-a como póde ser.

Para que torturas vans, inuteis cogitações abstractas, estereis conjecturas que não têm a virtude de mudar, por um dia, o curso natural das cousas?

As vezes, levado pelo meu irresistivel pendor imaginativo, reflexo deste meu sentimentalismo (que não é mais que uma molestia da vontade) me põho a pensar si alguma dellas, porventura ainda existente, se lembraria de mim... Qualquer cousa me segréda egoisticamente que deve de lembrar.

O certo é que eu não me esqueço, não posso esquecer-me dellas.

Vejo-as, á hora em que eu chegava da escola, nos fundos mesmo de nossa casa, entre o arsenal de *caca-*

récos com que eu forjava os nossos brinquedos e as nossas festas, — missas, illuminações, theatros, tudo a toques de lata que alarmavam a vizinhança...

A minha retina como que conserva ainda aquellas impressões por ellas transmittidas ha tantos annos!

Moreninha, no seu trajo cor de rosa, fazendo *quitutes* sobre os *tacurús*, em panellinhas que eram tampas de latas; Dina, de chambalé branco, uma touca de rendas á cabecinha, o cabello em papelótes, gerindo a casa, como uma bôa governanta ingleza e Lolóta, singela no seu vestido de chita enfeitado de ponto russo, sapatinhos pretos de entrada rasa e meias curtas, a receber as visitas, na sala modestamente mobilada. Nada me esquece, nem o avental bordado de uma, nem os cachos de cabello de outra, nem o modo de olhar e sorrir da mais velha, a minha saudosa Lolóta.

Vêm me agora á memoria os soldadinhos de chumbo, que completavam o nosso pessoal domestico, convertendo assim o ambiente da casa em caserna... pacifista.

Havia entre elles um sargentinho de calça amarella a quem faltava um braço — naturalmente perdido em algum combate incruento — que num dia em que me contrariára, foi enterrado perto do boeiro, ao lado do velho *chico-magro* do quintal grande... Reminiscencias...

Que valem estas lembranças senão a quem sabe ver nellas a nota pessoal e enternecida? Estou, evidentemente, a perder tempo.

Mas é que sinto uma imperiosa, irresistivel necessidade de reviver essa quadra do meu passado distante.

E é com sincera commoção d'alma que evoco a idéa dessas tres creaturinhas que povoâm os meus sonhos infantis, vagas idealizações femeninas, talvez as mais doces do meu viver. Depois disso, quantas vezes tenho julgado encontrar, nos dias da mocidade, creaturas que

me lembram, nas linhas physicas ou nos traços moraes, essas tres bonecas encantadoras dos meus dias de menino!

Sim, porque - só agora o percebes, leitor? eram tres graciosas bonecas essas cuja ligeira biographia e cujo perfil acabo de esboçar, com as meias tintas de minha saudade imperecível.

Lolota era de massa; Moreninha e Dina de louça... Esta ultima, si não me engano, era até peça destacada de um apparelho de minha tia.

E, entretanto, como essas tres bonequinhas enchem de suave encanto a alvorada mysteriosa de minha existencia e ficaram para sempre ligadas ao meu sonho!

E, pela vida adiante, correnteza do tempo afóra, tenho-as sempre encontrado, em varias reproducções, não de massa ou porcelana, mas de carne e ôsso, Lolótas, Dinas e Moreninhas que continúaram o meu sônho de criança e, como aquellas, se forâm para nunca mais voltar!

E aqui me acode a reciproca do principio que acima ficára enunciado, de que a criança é apenas a miniatura do homem com todos os seus defeitos e qualidades, pois tambem o homem, bem pensado, não é mais que a ampliação da criança, com todos os seus sonhos e phantasias...

Francisco Marianni Wanderley

Repercutio dolorosamente nesta capital a noticia do fallecimento de Francisco Marianni Wanderley.

Conheci-o em 1896, na redacção d'*O Republicano*, o brilhante bi-semanario que marcou uma época no jornalismo regional, sob a direcção de Antonio Fernandes Trigo de Loureiro. Sob o pseudonimo de TRAUMER, que se tornou logo conhecido, dava Wanderley, a cada numero daquelle jornal, uma contribuição preciosa.

A' CONVERSA FIADA, secção permanente, reunia estudos historicos e traducções seleccionadas. *O Republicano* achava-se installado á rua 27 de Dezembro, agora Ricardo Franco, e havia no predio uma saleta destinada á revisão. Trigo de Loureiro, a esse compartimento, teimava na designação pittoresca de *Templo do Café*.

Dous dias na semana, ás quartas e sabbados, ali compareciam as personalidades de maior preeminencia então. Deixavam á entrada do *Templo do Café* as credenciaes mundanas e, sem *panache*, se apresentavam como mortaes que eram. Nessa convivencia pude observar de perto Generoso Ponce, Pedro Celestino, Ferreira Mendes e outros. Wanderley pertencia ao grupo.

Discutiam-se todos os assumptos entre os presentes, menos politica. E entretanto eram todos partidarios em evidencia. O facto é digno de registro, porque expressivo. Ponce desvendava episodios da sua mocidade, que commentava com despreoccupada verve. Trigo de Loureiro, de quando em quando, lançava apartes opportunos e desconcertantes.

Wanderley preenchia quasi a sessão inteira. Muito lido e muito viajado, manejava com elegancia idi-

omas varios, dava á palestra a feição de encantadora conferencia literaria. Ora deslisava pelas narrativas de viagem, descrevendo os mares que havia percorrido, ora as grandes cidades que havia visitado.

Outras vezes nos dizia da invernosa Russia, e em seguida dos costumes do Oriente. De uma feita disse pormenores da sua trajectoria na Armada Nacional. Recordava a partida da sua primeira viagem de circum-navegação, como guarda-marinha, e a presença do imperador a bordo. Rememorava as palavras do bondoso monarcha, despedindo-se da turma.

Wanderley foi effectivamente um dos legitimos ornamentos da nossa marinha de guerra. Deu por finda a sua carreira ainda no vigor da vida, reformando-se no posto de capitão de fragata. Era um profissional de reconhecida competencia, com conhecimentos especializados de torpedos.

No ponto de vista de convicções philosophicas, o seu espirito firmou-se no espiritualismo kardeciano. Era um sincero, e deixou traducção de obras editadas pela Federação Espirita Brasileira. Mato-Grosso, em summa, perdeu agora um dos excentes da sua intellectualidade.

Estevão de Mendonça

NUNO DE ANDRADE

conferencia lida pelo socio

Prof. Isac Póvoas

a 28 de Dezembro de 1927

SENHORES

“Nunca me pareceu que fosse tão grande!” “exclamou, na fabula de Lessing, uma raposa, ao ver tombado, perto de seu covil, sob o ceu azul de uma clara manhã, o carvalho que lutara com o rispido aquilão toda uma noite tempestuosa . . . Essa arvore, ainda na vespera, de aspecto sobranceiro e tranquillo, como convém aos reis da natureza, que vêm passar, sob sua folhagem renovada. vinte gerações de homens, jazia sobre arvores e arbustos que aluira e esmagára na sua queda fragorosa.”

Nunca me pareceu que fosse tão grande, foi também a exclamação que cahiu repentinamente dos meus labios, ao receber, neste mesmo mês de Dezembro de 1922, a contristadora noticia do passamento do grande, do genial escriptor patricio Nuno de Andrade.

Custei a acreditar que aquella estrella de primeira grandeza, que ainda hontem tão brilhantemente scintilava no ceu da litteratura patria, havia mergulhado, para todo o sempre, nas brumas insondaveis do passado.

Entretanto, lá estava elle, na residencia do seu distincto genro, o illustrado professor Dr. Fernando de Magalhães, á rua Estevão Junior nº 22, inerte, frio, com as faces encovadas, onde a morte havia collocado o stygma inconfundivel da pallidez dos marmores.

Lá estava o seu corpo, prostrado sem vida sobre montões de flôres, fazendo soluçar de dôr innumerous corações.

Senti, então, apoderar-se de mim, uma tristeza indefinivel, experimentei «uma destas grandes saudades para as quaes não influem laços de familia, sendo que só a morte póde crear saudades taes» como acertadamente sentenciou Jackson de Figueiredo.

Era, senhores, a vóz da admiração profunda que eu tinha pelo notavel polygrapho patricio; era a vóz da veneração extraordinaria que eu tributava a esse admiravel cultor das formas impeccaveis, que protestava, dentro do meu *eu*, contra esse desaparecimento lamentavel para o Brasil e para as suas letras.

Foi essa voz amiga, emanada desses dous sentimentos poderosos, que levou-me a escrever, em um dos periodicos desta capital, o necrologio daquela individualidade portentosa, quando quente estava a sua lembrança na memoria de todos; é, ou-

vindo ainda hoje, cinco annos depois do seu passamento, essa voz mysteriosa, que me abalancei a vir occupar hoje a vossa attenção, fallando-vos daquella entidade privilegiada.

Espero, me perdoareis o arrojo, tendo em vista o direito incontestavel que tem a esta homenagem e a outras de maior vulto, aquella individualidade de eleição, em que não se sabe bem o que mais admirar: si a sua mentalidade assombrosa, manifestada com toda a exuberancia desde os mais verdes annos, a ponto de ser julgado um predestinado da gloria ou si as suas grandes, as suas sublimes virtudes.

Era, não ha negar, um homem perfeito em tudo: no cerebro e no coração.

Um homem desses que só raramente nascem para fazer lembrar á humanidade que a virtude e a bondade são attributos talhados para ornamento dos homens.

Descendente de modesto tronco, nasceu o Conselheiro Nuno de Andrade a 27 de Julho de 1857. De como se entregou aos estudos aquelle menino prodigio, poderão inferir com segurança os meus benevolos ouvintes ao saberem que aos 16 annos de idade já disputava elle em concurso a cadeira de Philosophia, tendo como oppositores, mestres de reputação firmada, desbancando a todos com a sua classificação em primeiro lugar.

Foi então que se fez conhecido e notavel na grande metropole brasileira aquelle talento de escól, a que os competentes rendiam o mais merecido preito de admiração.

E' sabido que frei Saturnino de Santa Clara Antunes, por exemplo, o mais conceituado mestre de então, cujo orgulho levava-o a desdenhar da competencia dos demais professores, entregava, entretanto, os seus alumnos a Nuno de Andrade, quando contava este apenas 17 annos de idade.

Pouco tempo depois, lá estava elle no imperial Collegio Pedro II, fazendo parte da commissão de doutos que examinava em Phlosophia o emerito pensador sergipano Sylvio Romero.

Fez o seu tirocinio academico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, como professor de Philosophia, e, o que é mais digno de nota é, que, dessa duplicidade de serias obrigações jamais resultou prejuizo para uma ou para outra. Soube perfeitamente, dividir o seu tempo de tal forma que sem desmentir um só dia, a fama de professor eximio revelava ainda a qualidade de *primus inter pares* na academia tirando notas distinctas em todas as series do curso.

Ei-lo, pois, formado em Medicina, aos 19 annos apenas!...

Fascinado sempre pelo sacerdocio sagrado do magisterio, o cathedrático de Philosophia vôa para a cadeira de clinica, indo defrontar, num memoravel concurso, com summicações consagradas, com scientistas da estatura de Julio de Moura, Barata Ribeiro, Neves Gonzaga, Emerico de Abreu e outros, conseguindo, ainda desta vez, a sua classificação em primeiro logar, por uma confortadora unanimidade!

Mas, não pararam ahi, senhores, as affirmações bellissimas que vinha dando de sua assombrosa cultura aquelle espirito *frondeur*.

Lancemos as nossas vistas para os annaes da Conferencia Internacional de Hygiene, realizada na Capital do Paiz e por elle presidida.

Lá ve-lo-emos confundir os seus adversarios theoreticos a golpes de talento, á luz da sciencia e ao peso de sua dialectica formidavel.

Em todos os postos que foi chamado a desempenhar, deixou sempre traços luminosos de sua passagem e os attestados mais eloquentes da sua actividade profiqua.

A directoria do então Hospicio de Alienados, a Inspectoria dos Portos, a Directoria da Saude Publica, em que foi substituido por Oswaldo Cruz e por ultimo a Directoria da Caixa de Conversão, foram os campos de acção em que aquella cerebração potente prestou os mais assignalados serviços ao paiz.

Não posso furtar-me ao desejo de citar aqui um facto occorrido com o notavel clinico, na epoca em que desempenhava o cargo de Inspector dos Portos.

Elle constitue uma brilhante faceta por onde póde ser apreciada a envergadura moral daquelle espirito superior e rectilineo. Grassava no Rio de Janeiro o cholera, e a opinião geral achava que a carne secca era o principal vehiculo do bacillo desse terrivel *morbus*.

Nuno de Andrade fez apprehender uma grande partida desse producto. O commerciante prejudicado propôz uma acção contra o Governo e este fez baixar os autos áquelle funcionario honrado para que desse a sua informação.

A audacia daquelle commerciante havia chegado ao extremo, pois collocára entre as folhas daquelles autos, uma nota particular, na qual offerencia a importancia de 500 contos por uma informação favoravel.

E' sabido por todos, que Nuno de Andrade, justamente offendido com aquella affronta, proferiu a sua magistral informação para a qual escutou apenas os dictames da sua consciencia.

A esse tempo já era o eminente brasileiro Conselheiro de Estado, tendo se recusado a acceitar a munificencia imperial que quiz fazer-lhe Barão da Ilha Grande, em consequencia de haver sido o fundador do Lazareto daquella ilha, como recusou tambem, mais tarde, o titulo de Barão do Paquetá.

Longe iria eu, meus senhores, se quizesse transplantar para aqui todas as victorias brilhantes alcançadas pelo Conselheiro Nuno de Andrade na sua longa carreira publica. Posso, mesmo, affirmar, sem receio de uma contestação seria, que nenhum mortal as alcançou tão sublimes, nem teve como elle, a sua trajectoria pela vida pontilhada de tantos actos de abnegação e de heroismo.

Se, como homem, como medico, como administrador, Nuno de Andrade foi sempre um vencedor, como literato e como manejador eximio da bôa vernaculidade, sempre ostentou tambem, na sua frente veneravel os trophéos sublimes de triumphador. Se, escrevendo, era admiravel, falando tornava-se sublime. As phrases brotavam-lhe dos labios em catadupas, garridamente enfeitadas com as gemmas preciosas de sua vigorosa imaginação.

Fallava com a maxima clareza mesmo quando palmilhava os terrenos aridos e transcendentales da Medicina ou das Finanças, onde egualmente se notabilizára, fazendo com que a sua opinião, nesse particular, fosse ouvida com o maximo acatamento. Foi devido á sua recusa formal, á sua argumentação clara, firme e convincente, em contraposição ao modo de pensar de Rodrigues Alves, então Ministro da Fazenda, que Floriano deixou de assignar o decreto da criação do banco emissor.

Foi, porem, na tribuna da imprensa, foi no jornalismo que aquelle talento primoroso deixou inconfundivel renome. Diariamente derramava elle pelas columnas do grande matutino *O Paiz* e depois pelas do *Jornal do Brasil* os inestimaveis thesouros de sua vastissima erudição. Diariamente levava elle a todos os lares o goso intellectual que proporcionava a leitura dos seus contos maravilhosos e das suas chronicas magistraes, publicadas sob o pseudonimo de *Felicio Terra*.

Escrevia com perfeição admiravel, com uma elegancia attraente e encantadora, num estylo proprio, marcadamente seu, estylo leve, transparente e adornado com as joias custosas da sua rica e fertil imaginação.

Direi mais: o seu estylo photographava de tal fórma a sua individualidade, que lembra-me ter ouvido alguém dizer que a Nu-

no de Andrade não seria possível o anonymato da imprensa, porque, «ao lerem os seus artigos embora não assignados descobririam logo o dêdo do gigante».

O seu traço principal como escriptor foi a ironia, aquella ironia cortante, profundamente mordaz, com que desnorteava os seus contendores e os reduzia a silencio.

Humanitario em extremo, a sua satyra feria, mas não abria chagas. Dahi a sua superioridade a Thomaz Mourner, ao grande Voltaire e ao proprio Taine.

Um só nome, dos seus contemporaneos, eu poderei citar aqui, como digno de emparelhar-se com o de Nuno de Andrade, nessa *faculté maitresse* de manejar a ironia. Esse nome é o de um dos seus collegas de magisterio, collega de jornalismo: é o nome aureolado de Carlos de Laet, cujo passamento infausto o telegrapho acabou de annunciar-nos ha poucos dias.

Grande copia de specimens poderia eu offerecer-vos da sua grande habilidade em manejar a satyra. Basta, porem citar-vos o conhecido caso da 7^a enfermaria.

Nuno de Andrade, poz-se em dissidio com um notavel collega da Faculdade, e do seio daquelle douta Congregação, levaram a discussão para a tribúna da imprensa. Não tardou muito para que o seu illustre antagonista se sentisse colhido nas malhas da sua satyra ferina, vendo narrado a seu respeito a seguinte anedocta: «Morre um pobre diabo e vae direito bater as portas do céu. S. Pedro, muito surprehendido de o receber, allegou que certamente havia engano, porque na portaria do céu nada constava sobre a possibilidade da sua proxima entrada no paraizo e mandou o viajante procurar o inferno. Lá tambem nada constava a respeito de sua entrada. E elle já um pouco desconcertado, voltou ao céu certo de que S. Pedro se enganára.

O santo porteiro, já desconfiado, disse-lhe: Venha cá meu amigo, diga-me uma cousa: quem foi o seu medico assistente na terra?—O meu medico assistente foi o Dr. ... (e citou o nome do professor da Faculdade de quem era Nuno de Andrade adversario accerrimo).

S. Pedro batendo na testa, replicou:

Ahi está explicado tudo. Esse medico vive a estragar-me o protocollo do céu. O sr. «deveria morrer daqui a 20 annos».

Nascido para entestar com os genios, teve Nuno de Andrade, tambem no jornalismo de bater-se com as maiores notabilidades das nossas letras, taes como Ferreira de Araujo, Joaquim Ser-

ra, José do Patrocínio, Quintino Bocayuva, Alcindo Guanabara e outros.

Muitos trabalhos primorosos, muitas joias de finissimo labor deixou-nos elle da sua passagem pelo jornalismo da nossa terra.

Ahi estão as *Imagens*, os *Contos e Chronicas*, verdadeiro repositório de preciosidades publicadas com o mesmo pseudonimo de *Felicio Terra* a que ha pouco me referi e que ficou tão conhecido e tão grandemente estimado.

Quanta belleza, quanta vibração emotiva, quanta eloquencia não ressumbra dos seus contos estupendos, magnificos?

Tomemos ao accaso *Madame Stoessel*, aquellas paginas immorredoiias, em que nos retrata o processo e o julgamento do general Stoessel o intemerato defensor de Porto Arthur.

Diz-nos o primoroso *conteur*:

«Avisam-nos telegrammas de Petersburgo que o governo do czar pretende submeter a conselho de investigações, e, provavelmente a ulterior conselho de guerra, o general Stoessel, soldado, que na resistencia de Porto Arthur, eternizou a fama da valentia russa numa portentosa epopéa de oito mezes.

«O facto da capitulação é o motivo do conselho. Entendem os generaes da côrte que o horisonte patrio, constellado de gran-duques e princezas errantes, ficará escurecido por um denso nimbo, se Stoessel não demonstrar claramente que na cratera onde viveu, deglutindo martyrios e suando heroismos, até a propria morte respeitosa e admirou; e se, apontando os 3.000 fantasmas estropiados que representavam o residuo semi-vivo de uma legião de bravos, não historiar em cada cicatriz um devotamento e em cada mutilação um sacrificio.

«O formalismo impõe a Stoessel essa derradeira provação. Entretanto, e mundo inteiro conhece-o, a humanidade applaude-o, e o mesmo céu, que o protegeu, parece empenhado em lhe conservar a existencia, para perpetuar o fulgor de uma reliquia, na qual se fundem, quasi, a mesma resignação de Christo e impavidéz de Agammenonte.

Durante oito longos mezes, com os olhos volvidos para o norte, esperou elle anciosamente o socorro de Kuropatkine, que não veio;—só lhe chegavam aos ouvidos noticias estupendas lalú, llang-lang, lentai, Sha-ho . . . Cada nome memorava um desastre e traduzia uma derrota. Na bahia de Porto Arthur, vigiada pelo inimigo, uma esquadra inerte, a temer o sossobro; nos fortes, que coroavam a cidade, a carnagem, o incessante troar dos canhões e rolar de cadaveres; por toda a parte a sym-

phonia sinistra dos gemidos, e no coração do inferno, de pé, sorvendo o fumo do cachimbo, de mistura com o fumo da pólvora, Stoessel soltava aos ventos como imprecações de titan, baforadas brancas, que levavam pelos ares afóra numa espiral do soluços, sua alma em pedaços!

«Resista»—ordenava o czar ; «resistirei»—promettia Stoessel.

«Durou seculos este dialogo dos dois cimos; o do mando e o da gloria; e enquanto na peninsula asiatica se desenrolava a tragedia colossal, o mundo sofrego e espantado rasgava o nevoeiro das distancias, abria com mãos tremulas uma clareira na obscuridade das batalhas e contemplava Stoessel de pé, no coração do inferno, salpicado de sangue, queimado pelo fogo escorçado pelo dever, bradando no delirio do patriotismo: «Esperança e avante».

«Por fim, a lucta desfalleceu. Num supremo arranco de intrepidez, os estropiados tomavam nos braços exanimes a arma de combate e arrastavam as pernas tropegas ao logar em que os espreitava a morte. Mas a arma cahia no chão juncado de destroços, as pernas dobravam-se indocéis á vontade, e os estropiados escancaravam a bocca ensanguentada, com a mandibula partida, e suspiravam... «não podemos». «Não podemos», repetiu Stoessel. E rendeu-se.

O inimigo fez-lhe uma ovação; mas os generaes da côrte, os gran-duques, as princezas errantes, lhe fazem a affronta de perguntar: *por que não venceu?*

* * *

«Desenho na minha imaginação a scena do conselho.

«Na sala adornada e vasta, aquecida por caloriferos, os juizes, em poltronas de velludo, estufam o peito esmaltado de placas abrilhantadas e fixam no rebordo da orbita o monoculo impertinente. Ao longe forfalham as sedas das princezas, derramando no ar uma restolhada de murmurios capitosos. Preside o conselho, um gran-duque que não foi á guerra.

«Empertigado, no seu uniforme verde, de espada á cinta, phosphorescente de dourados, um official chama:

«General Stoessel...»

«Eil-o, ... sem espada, com as vestes ennegrecidas pela poeira das batalhas, o olhar incerto de quem espera ainda Kuropatkine que não vem, ou o triumpho naval que não apparece, —de pé, perante os juizes, sentados em poltronas de velludo.

«As damas sacodem as lunetas, espalhando arranhões no espaço. Querem fitar o General que não venceu.

«Vai começar o interrogatorio. Os juizes afundam-se nas poltronas, e o gran-duque apruma, com solemnidade o busto de couraceiro.

«Seu nome?»

Nesse instante, ouve-se um rumor no auditorio. Uma mulher moça, morena, de grandes olhos vivos, narinas ardentes, labios grossos e rubros, peito de cysne, — afasta violentamente, os espectadores attonitos e, chegando junto ao heróe, toma-lhe a cabeça, sagra-lhe a fronte com um beijo retumbante e grita: — Stoessel!

«E encarando os juizes, agitada por um rictus nervoso, que lhe descobre as fileiras de dentes alvos, fala:

«Não sabeis o seu nome? Ide perguntar ao inimigo, que, ao proferil-o, mandará suas bandas marciaes tocar o hymno nacional da Russia. Ide interrogar os escombros da praça sitiada, as montanhas em lascas, as ruinas das casamatas, as arvores fendidas, o chão embebido de sangue, toda a enorme luminosidade, que elle semeou naquelle Golgota, onde a historia ficou para toço o sempre, o nome que fingis ignorar, nesta comedia do esquecimento.

Perguntai-o a mim, esposa e vivandeira, que o acompanhei na guerra para lhe instilar no peito abrazado as dedicações do meu amôr, menor ainda que a adoração que me inspirou a sua intemerata coragem, a sua sobrehumana abnegação; a mim, que ainda sinto nas mãos a viscosidade do suor agonico, que enxuguei na fronte dos moribundos, quando, nos hospitaes de sangue, onde morava a minha vigilia, as palavras de consolo não bastavam para amparar a religião dos mutilados; que durante oitomezes de pesadelo tive por cupola o ceu, as nupcias com o infortunio, a parabolá descripta pelas granadas, por leito as miserias da lucta e por luz o clarão dos incendios; perguntai-o a mim para que eu grite segunda vez — Stoessel.

«Quereis saber porque não venceu? Porque Deus não quiz!

«Porque do fundo da Siberia partia para o solio do Altissimo a prece dos desgraçados que a vossa ferocidade politica tem acorrentado, ha centenas de annos, ao perpetuo anniquilamento moral; porque do peito dos opprimidos pela vossa autocracia vaidosa e deshumana se exhala continuamente uma supplica de redempção, que o céo ouve e Deus promette conceder; porque a liberdade esganada geme, o *Knout* sibila e o medo,

mais que o frio, congela o coração do povo, mirrado de esperanças.

«Não venceu porque a vossa cegueira nos enfraquece, os vossos fornecedores defraudam-nos, os vossos pupillos, princezas, nos aviltam.

«A' vezes, para ser misericordioso, Deus ordena que surja a regeneração social do seio da dôr ou do seio das vergonhas. Viva a Russia! Elle consentiu agora, nas suas generosidades de pai, que a bravura de meu marido sobrenadasse ainda na vasa das derrotas. . .

«Seu nome, gran-duque?»

«E despedaçando o vestido para mostrar o flanco desnudado em que os cacos da metralha gravaram extensa cicatriz vermelha, gritou, pela terceira vez—Stoessel!

.....
 Todos baixaram as palpebras. Aquella cicatriz irradiava como um só e os farrapos do vestido brilhavam como aureolas!»

* * *

Como este, são todos os seus contos, todos os seus escriptos, de uma suavidade a Eça de Queiroz, de uma emoção profunda a Edgar Poe, ostentando todos a mais perfeita correcção artistica.

Lina de Moscow, Almirante Togo, Historia de uma dôr, Japonices, são paginas admiraveis, encantadoras, como, aliás são todos os seus contos.

Conhecedor profundo do Japão,—a patria bemfadada dos chrysantemos e das cerejeiras,—admirador sincero e entusiasta do valor e do heroismo dos gloriosos filhos do Sol Nascente, ninguem lhe levou as lampas como commentador verdadeiro, minucioso e dedicado da guerra russo-japoneza, que tanto empolgou o mundo inteiro, a começar pela desigualdade contrastadora das nações belligerantes.

A sua prosa é fluente, ha nella o rythmo natural da verdadeira poesia. Tanto assim, que se permittido me fosse o arroj, eu de bom grado a classificaria de lyrica, e porque não, si já ouvi dizer alhures que a valsa é o lyrismo da musica?

O genero lyrico pertence á poesia, dirão os meus bondosos ouvintes. Mas, quanta poesia não ha na sua prosa dulçurosa, magnifica, prosa arrebatadora, que tanto sensibiliza a nossa alma como de igual fórma commove o nosso coração?

A poesia palpita em tudo que aflóra espontaneamente do nosso *eu*, do nosso intimo, num remigio sereno para as alcançadas regiões do ideal.

Tudo o que escrevemos nós proprios é poesia, assuma, embora, as mais varias modalidades literarias: romance, conto, pensamento.

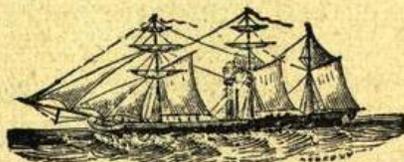
Platão é um dos maiores poetas que o genio hellenico produziu, sem nunca ter pautado as suas producções pelas normas rigorosas da metrica ou dos generos poeticos.

Na prosa de Cicero, de Herculano, de Eça, Alencar, encontrareis sempre a mesma emoção, a mesma magestade serena da fórmula, a mesma expressividade, o mesmo rythmo que canta nas estrophes immortaes dos lapidadores do verso.

* * *

Nuno de Andrade foi, em remate, um escriptor perfeito. O fundo dos seus trabalhos, traduz fielmente a verdade das suas observações, das scenas que lhe serviram de motivo. «O manto diaphano da phantasia» não vela a «nudez forte da verdade» em todas as suas composições.

Foi, como elle proprio nos disse: «engrinaldei o patriotismo com o ideal, dei vóz á miseria desamparada, condemnei o capitalismo, quando egoista, realizei a grandeza do sacrificio».



Páginas dos Mestres

COM A ACADEMIA

A Academia Brasileira de Letras, quando outros meritos não tivesse, pelo menos possuiria o de ser um grande exemplo de tolerancia.

Dos immortaes que hebdomadariamente se reuñem, no palacete do Trianon, não ha, talvez, tres que em todo sentido se possam dizer coreligionarios, tantas são as suas divergencias em religião, em politica e em gosto literario.

Alli ha catholicos sinceros, como o illustre presidente da associação, Sr. Conde Affonso Celso, Dr. Miguel Couto e Augusto de Lima; budhistas, como o Sr. Murat; agnosticos em grande parte e até, segundo dizem, mahometanos, pelo menos no tocante á polygamia.

Em politica não menores são as dissidencias. Possue a douta assembléa um membro do Governo e alguns ex-membros, que já mui galhardamente desempenharam suas funcções; excusado é lembrar que taes são os Srs. Felix Pacheco, Dantas Barreto e Lauro Müller. Senadores e deputados tambem os temos, quasi todos situacionistas incondicionaes, no que fazem muito bem, mas tambem outros encapotadamente revoltosos, cujos nomes não declino, porque nos achamos em estado de sitio. Monarchistas, creio que só dous, sendo um delles o Sr. Affonso Celso, a quem peço que não diga quem é o outro.

Em literatura, o classicismo tem notaveis representantes nos Srs. Laudelino Freire e Silva Ramos, que devidamente resguardam e protegem a pureza do idioma de Camões ligeiramente modificado pelo Sr. Aus-

tragesilo. Em sendo preciso enveredar pelo tupy, acóde logo o Sr. João Ribeiro, com opiniões jamais contestadas porque os outros nada entendem da lingua dos caboclos. Nobremente figura o romantismo na pessoa de Alberto de Oliveira; o parnasianismo, na de Goulart de Andrade; o realismo zolesco, em Humberto de Campos; e o futurismo, por ora, só em Graça Aranha.

Já se vê quão insensatos são os aggressores da Academia quando nella figuram um bloco homogeneo e compacto constituindo uma só doutrina. Muito ao contrario disso ella é heceterogenea e, como o demonio biblico, bem poderia chamar-se *Legião*. Combatel-a é atacar grotescamente todos os credos religiosos, todas as opiniões politicas, todos os gostos literarios.

Sendo assim muito è de louvar que na Academia todos reciprocamente se estimem e respeitem. Os debates são calmos, nem sempre divertidos, mas quasi sempre instructivos. Não asseguro que tenhamos o costume de ouvir os oradores, mas é habito nosso applaudir quem acabou de fallar.

Entretanto, como neste mundo não existe regra sem excepção, ha occasiões em que os academicos me parecem desconfiados e menos communicativos. Noto olhares de soslaio e segredinhos pelos cantos. Evidentemente paira então qualquer cousa pelo ar e prepara se movimento, não direi sedicioso—Deus me livre disso, e que o Marechal Fontoura seja surdo!—mas emfim, algum plano para cuja realização seja necessario o concurso de energicas vontades.

Esse momento de perturbação na Academia é quando se vae approximando o dia da eleição para substituir o ultimo confrade desaparecido na voragem dos tempos.

Comquanto immortaes, ou mesmo por causa disso, os academicos morrem de vez em quando. E' triste mas inevitavel; e o desejo de substituição nas cathedras a-

academicas já tem chegado ao ponto de se mendigarem votos para as vagas inexistentes. Outro dia tive occasião de ler o retalho de uma folha mandado pelo correio.

Era um artiguete em que o Sr. Paulo Hasslocher, doutor em primeiras letras na sua qualidade de director do *A B C*, cortezmente me convidava a fallecer para ceder o posto a outro ironista mais moderno, que seria o Sr. Dr. Herculano de Freitas. Já se vê quanto são almejados os logares da Academia e, reconhecendo a justeza da idéa do Sr. Hasslocher, não tomei aquillo como agouro e antes retribuo a fineza desejando ao sogro do Sr. Hasslocher a mais prolongada existencia terrena.

Mais um motivo de agitação para os academicos:—devem elles eleger somente homens de letras ou quaesquer outros que em menor dóse as possuam e antes se destaquem por diversos merecimentos? Vale a pena examinar este ponto e tal é o principal intuito destas minhas considerações.

O Sr. Dr. Euclides Rôxo, meu mestre e chefe no Collegio Pedro II, ensinou-me que em qualquer termo de uma expressão algebrica a quatro elementos se deve attender: ao signal, ao coefficiente, á letra ou quantidade litteral e ao expoente. Applicando esta noção algebrica á eleição academica, acho que nas diversas votações a que infelizmente teremos de proceder, cumpre levar em conta os citados elementos.

Signaes são os homens politicos que nunca ligaram ás letras a menor importancia e que, todavia, aspiram a ser academicos unicamente para se exornarem com mais esse titulo que lhes satisfaça o exhibicionismo, da mesma sorte que ha individuos que se julgam felizes quando se enfeitam afixando condecorações arranjadas compadrescamente.

Nos *signaes* é preciso, por não fazer injustiça, discriminar os *positivos* e os *negativos*. Ha, com effeito, ho-

mens politicos em cujos discursos ou quaesquer outros trabalhos bem se revela a nota artistica, comprovando a tendencia literaria do orador ou estadista. Dos negativos nem vale a pena fallar.

Essa nota do bello artistico até se póde reconhecer e applaudir em tratados scientificos. Buffon, por exemplo, escreveu uma historia natural, cheia de inexactidões, mas que com razão é catalogada entre as obras primas da literatura franceza; e Lacepede, que com mais exactão continuou a obra de Buffon, absolutamente não póde ser computado entre os literatos francezes. Na Academia o logar dos signaes positivos com justiça lhes não deve ser negado; mas os negativos tambem podem ser eleitos quando sejam boas pessoas e amaveis parceiros.

Vamos aos *coefficientes*. Estes seriam sujeitos apatacados e, portanto, dispondo de influencias academicas. Não me opponho a que sejam eleitos, mas sob a condição de prestarem, nas mãos do thesoureiro, juramento solemne de proseguir na obra benemerita de Francisco Alves assegurando aos academicos melhora de fortuna pela triplicação da cedula de presença.

As *letras* ou quantidades literarias são os que por qualquer fórma labutam na região do pensamento: poetas, romancistas, jornalistas, etc.

Quanto aos poetas reclama-se algum cuidado. Mudam frequentemente e ás vezes para peor. Lembra-me bem que com grande entusiasmo votei no Sr. Humberto de Campos, o poeta da *Poeira*..... Não terho culpa se depois sobreveiu um aguaceiro e aquella poeira astral se transmutou em maçã detericrada.....

Entre os jornalistas eu daria preferencia aos governistas incondicionaes. São gente mais pacata, disciplinada, submissa, e não correriamos o perigo de vêr na cadeia alguns collegas desordeiros. Entretanto, faço votos para que os jornalistas não sejam censores, pela

mesma razão porque fora absurdo que um conductor de bonde tambem servisse como fiscal da Companhia.

Restam os *exponentes*. Que são elles? O Sr. Dr. Afranio Peixoto, que foi o creador desta exquisita notação, forneceu-me informes preciosos sobre a questão. *Exponentes* são individuos, literatos ou não, que socialmente representam as culminancias a que nas suas especialidades chegaram por suas virtudes e talentos, ou simplesmente por sua habilidade. Assim por exemplo, eu não faria a menor duvida em votar nos Srs. Drs. Mendes Tavares, Fontainha e Rocha Vaz como expoentes, respectivamente, da sciencia eleitoral, da arte dos contratos e das reformas do ensino. Neste sentido talvez apresente um projecto que naturalmente será rejeitado depois de algumas sombrias considerações do Sr. Mario de Alencar. Em todo caso, quer-me parecer que elle não seria mais desastrado do que alguns remendos constitucionaes; e a Academia, constituindo-se assim algebrica e variegadamente, cada vez ficaria mais tolerante.

A' porta do Garnier, qualquer academico sem a menor importancia official, como o escriptor destas linhas, poderia dizer diante de estranhos:

—Estive hontem na Academia com o Felix, e elle me assegurou que o anniversario da batalha de Sarandy vae ser muito festejado pelos nossos amigos do Uruguay.

E isto sempre daria certo realce ao interlocutor do nobre Ministro das Relações Exteriores.

Por outro lado antes do despacho colectivo ou na Camara dos Deputados communicaria qualquer politico aos seus paredros:

—Hontem conferenciei com Alberto de Oliveira, sobre o futuro do futurismo. Elle já faz concessões quanto á rima, mas absolutamente não admite o exclusivo emprego dos infinitivos.

Isto, forçoso é admittil-o, daria certo lustre literario ao dialoguista mais politico do que academico.

Emfim, não quero dizer mais.

Não mantenho communicacões telegraphicas com o Parnaso; encostando, porém, aos ouvidos os phones da radiotelegraphia, julgo perceber uns sons confusos. Provavelmente é que o Pegaso está coçando as ancas com as azas, ou talvez, dando mostras de maior impaciencia. Conversaremos depois da eleição.

Carlos de Laet.

Paginas Contemporaneas

A POSSE DE D. AQUINO

Na Academia. Do alto do salão azul, desceu, uniformemente distribuida, a luz suave que lhe illumina a elegancia das linhas, e os convidados escolhidos entre a nata social carioca.

O Rio representativo ahi se emprazou para encontro memoravel, em que se misturam bispos e marechaes, congressistas e academicos, medicos e presidentes de Estado.

Nem falta a graça feminina, das dictadoras da moda, que deram maior encanto á reunião.

A alegria espelha-se nas physionomias dos espectadores.

Nisto corre ligeiro murmurio pela sala, cuja curiosidade é logo satisfeita, com a entrada do Presidente da Republica, e todos os ministros, recebidos pelos academicos, trajados com os seus fardões de gala.

Solemnidade rara. E ás 9 horas em ponto, acompanhado da commissão introductora, surge D. Aquino, cuja recepção deu motivo a tamanha concurrencia.

Assoma á tribuna.

E em voz sumida, que lhe trae a commoção, começa a dizer do successo, que o levára até ali, para, feito immortal, substituir ao que perecera, apezar da sua immortalidade.

A pouco e pouco, entretanto, a voz vaé ganhando os ouvintes, que a espaços, lhe sublinham de applausos a oração maravilhosa.

Em conceitos encantadores, faz avultar o perfil de Lauro Müller, não o politico geralmente conhecido como a edição republicana de Talleyrand, mas o democrata, que trouxe para a vida publica os ideaes em que se lhe abrazára a mocidade.

E, maravilhados, assistimos á revelação extraordinaria, e á resurreição do catharinense, feita pelo verbo eloquente do mattogrossense.

Era, sem duvida, a glorificação de Lauro Müller, que se processava naquella hora, e perante aquella assistencia de escol.

Mas era tambem a de Matto-Grosso, cuja alma parecia palpitar nesses periodos lapidares, em que o torneio classico do bom dizer se harmonizava ás maravilhas com as expressões populares, de raro vigor.

Terra que proporciona o surto de uma individualidade como essa, capaz de dominar pela palavra quente e graciosa os expoentes intellectuaes do paiz, não é mera ficção geographica, destinada a viver, ingloriamente, uma existencia triste e apagada.

Possue seiva forte, que, na literatura, lhe inspira o principe dos oradores, nas armas, os seus generaes de nomeada, nas sciencias, os sabios professores, que fizeram nome em outros centros.

As crises, que por vezes a angustiam, são phenomenos passageiros, que a sua actividade, apoiada no bom senso, consegue afastar, sem maiores damnos, quando não os agrava a intervenção de malignos protectores.

Não irá nesta simples chronica a intenção de resumir o discurso de D. Aquino, a que se referiu com rasgados gabos a imprensa carioca do dia seguinte, nem de apreciar-lhe a justeza dos conceitos.

Apenas regista a impressão de um curioso nesses assumptos, que assistiu, deslumbrado, á confirmação das suas previsões admirativas, quando toda a assisten-

cia applaudiu, carinhosamente, por minutos, a oração admiravel, que fez lembrar, por varios aspectos, o discurso proferido na sessão inaugural do Centro de Letras.

A voz mattogrossense calava-se, gloriosa, mas o nome de Matto-Grosso, ainda continuou a perpassar naquelle ambiente elevado, com a sua historia, as suas possibilidades economicas, as suas paizagens, que inspiraram o exordio da resposta do representante da Academia, A. de Paiva, ao novo academico.

Matto-Grosso está de parabens. A sessão academica de gala, festejou-lhe encantadoramente o triumpho, na pessca do seu digno filho, cuja cultura litteraria e talento o Rio todo admira e enaltece.

Aos seus dias de gloria, o Estado, de hoje em diante, deverá accrescentar o mais recente.—30 de Novembro— em que lhe foram prestadas as maiores homenagens pelo mais elevado gremio intellectual do Brasil.

V. Corrêa Filho

Paginas esquecidas



Tiradentes

Curvemos todos a fronte
Em signal de gratidão,
Ante o nome venerando
Do martyr da redempção !
—Eleve-se ao céu da gloria
O seu feito heroico, ingente.
E n'um brado alti-potente
Saudemos o nosso irmão !...

Cubrio-se de luto a patria
N'este dia de tristeza,
Em que no sangue d'um bravo
Polluio-se a realeza !...
—Foi a mão do vandalismo
D'um governo ignorante,
Que se fez mais aviltante
Com tal feito de torpeza !...

Affrontando a tyrannia
D'um despotismo sem par,
Sonhaste a patria ver livre,
Quizeste-a livre deixar :
—Hoje a turba agradecida,
A' sombra da liberdade,
Proscrevendo a iniquidade,
Faz estatuas levantar !...





Salve tu, que do heroísmo
Conquistas alto braço.
E hoje tens por hymno as preces
Que te envia um povo irmão !
—Que adormeceste sonhando,
Da gloria nos teus anhelos,
Por ver desfeitos os élos
Das cadêas da oppressão!...

E' grande, é bello, sublime,
Saudar um nome, um phanal,
Que da gloria aos esplendores,
Tem erguido um pedestal !
—Si o genio tem jus ás palmas
Que conquista na victoria,
Tiradentes tem na historia
Um nome ingente, immortal !

Dorme da morte o teu somno,
Pelas auras embalado,
O' tu que na patria historia
O teu nome tens gravado !
—Dorme, sim, que no delirio,
No vacillar da grandeza,
No tombar da realeza,
Teu nome será vingado!...

Cuyabá,—1885

Flavio C. de Mattos

(Ext. d' "A LIÇA" de 5--5--1885)





Paginas dos novos



A MOACIR DE ALMEIDA

I

*Quando as nuvens se encontram pelo espaço,
Tangidas pela fúria de mil ventos,
Osculam-se; e a vibrar em longo abraço,
Fazem tremer a terra e os firmamentos.*

*E dêsse imenso bêijo, escapa a luz
Que serpenteando corta os infinitos;
E do estalo que, elétrico, produz
Sai o trovão em convulsões e gritos.*

*E a rugir e a roncar, enquanto chove,
Cavernoso e veloz, no abismo tomba;
E abala o céu e a terra; e os ares move,
E em toda a furna, rápido, rebomba...*

*E êsses roncros sinistros e convulsos
—Tónicas de poemas nunca lidos
Nos quais outros Briareus erguem seus pulsos
Co' acentos de terror, raivas, rugidos,*

*Tu gostavas de ouvir, cantor celeste,
Nas noites de vigília, que passaste;
E no teu peito débil, os puseste
E no teu crânio fértil, os guardaste.*

II

*Depois, como cascata volumosa,
Que em vertigens frenéticas, rebenta,
Espalhando uma nuvem vaporosa,
De arco-íris e espuma turbulenta,*

*Engastaste, em teus versos de epopeias,
Que assim, somente um gênio acaba e lima,
As chispas scintilantes, nas ideias
E os estalos harmônicos, na rima.*

*Agora em "Gritos Bárbaros" roncando
Se estorce o temporal com mil trovões;
Clamor de nuvens que se beijam dando
O estampido furioso dos vulcões.*

*E as procelas dos astros e dos gritos
Se desenrolam, lúgubres, estranhas
Fazendo estremecer os infinitos
E o coração de atléticas montanhas*

*
* *

*Mas, ah! ... a Parca negra, ensanguentada,
Ao alcançares tão subida glória:
— As regiões sempiternas d'alvorada,
— E os graves Himalaias da vitória,*

III

*Cortou-te as grandes asas condoreiras
Que invêja tinha dêsse arrôjo teu...
— Asas brancas de luz, alviçareiras,
Que se afundavam pelo azul do céu.*

*Dorme, dorme Moacir, sempre vibrante,
Que eterno viverás em nosso poente :
— A'guia ferida em seu vôo errante,
— Sol transmontado prematuramente.*



*Chorai, chorai ó terras brasileiras,
P'ra sempre o vosso vate uniu seus cílios ;
Enlutaí, enlutaí essas bandeiras,
Perdestes o melhor dos vossos filhos.*

*Não ouvís êsses prantos doloridos
Que partem dêsses ceus desconsolados?...
Não ouvís? Não ouvís êsses gemidos?...
Em dores e soluços afogados?...*

*São as musas que choram seu amante
E' o século a chorar o seu cantor...
E vós, deixai-vos mudas nêste instante?!...
Deixai-vos quietas nesta imensa dor?!...*

IV

*Chorai chorai ó terras brasileiras
P'ra sempre o vos o vate uniu seus cílios ;
Enlutai, enlutai essas bandeiras,
Perdestes o melhor dos vossos filhos.*

*
* *

*E tu, Natura, mãe, bendicta terra,
Déspe-te dessas flores e lirismos,
E jogua-os sobre o túmulo que encerra
A revolta febril de mil abismos,*

*O túmulo que oculta de um oceano,
O furacão das águas e do vento...
O túmulo que abriga o soberano
Na procela feroz do pensamento,*

*E retalha da noite uns largos véus,
E enluta a tua filha: a meiga aurora,
Como enluto nestora os versos meus,
Com as mornas làgrimas que est'alma chora.*

Orestes Mirágliã

Dados para a Bibliographia Mattogrossense
(Conclusão)

Lamartine Ferreira Mendes

Nomes de seus paes.—Desdor. Joaquim Pereira Ferreira Mendes e D. Maria Josephina Ferreira Mendes.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá (Estado de Mattogrosso)

Data do nascimento.—7 de Fevereiro de 1895.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Promotor de Justiça da Capital, Professor de Português da Escola Normal, Promotor de Justiça de Tres-Lagôas, Advogado. Reside actualmente em S. Paulo.

Titulos literarios ou scientificos.—Bacharel em sciencias e Letras, Bacharel em Direito, Membro do Centro Mattogrossense de Letras.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos. —“Revista Mattogrosso,” “Correio do Estado,” “Revista do Centro Mattogrossense de Letras,” “Gazeta do Commercio” e “Noticia” de Tres Lagôas, “A Violeta,” e a “Revista do Brasil.”

Obras etc—Tem a publicar um livros de poesias—Lezirias—cujos producções já foram dadas a lume em parte na *Revista do Brasil*, de S. Paulo.

Leovigildo Martins de Mello.

Nomes de seus paes.—João Baptista Gonçalves e D. Raphaela Martins de Mello.

Nome do lugar em que nasceu.—Itararé, Estado de S. Paulo.

Data do nascimento.—28 de Julho de 1889.

Falleceu a 4 de Agosto de 1922:

Cargos que exerce ou tem exercido.—Adjiuncto do Grupo Escolar "Cel. Tobias," do Descalvado.

Contractado pelo Governo de Matto-Grosso, fundou em Cuiabá o nosso primeiro grupo escolar e logo depois a Escola Normal de Cuiabá da qual foi director até fins de 1916. Habilitando-se para o exercicio da advocacia perante o Tribunal da Relação do Estado, exerceu tambem, interinamente, o cargo de Promotor da Justiça em Cuiabá.

Titulos literarios ou scientificos.—Professor normal e socio effectivo do Centro Mattogrossense de Letras.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio—bibliographicos.—"O Estimulo", "Descalvadense", "Estado de S. Paulo", "O Republicano", "O Commercio", "A Cruz", "A Reacção", "Pró—Familia".

Outras informações:—Fallecendo em 4 de Agosto de 1922, foi substituido pelo socio Ovidio de Paula Corrêa, na cadeira do Centro Mattogrossense de Letras da qual é patrono o Padre Ernesto Camillo Barreto.

Luiz Adolpho Corrêa da Costa

Nomes de seus paes.—Celestino Corrêa da Costa e D. Avelina da Silva Prado.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá, capital de Matto-Grosso.

Data do nascimento.—13 de Julho de 1856.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Conferente e Inspector da Alfandega; Director da Casa de Moeda; Deputado Federal; Senador por Matto-Grosso.

Titulos literarios ou scientificos —Engenheiro Civil pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Limites do Estado de Matto-Grosso, Rio de Janeiro, 1898 in 4º—Carta aos Mattogrossenses, 1899.

Os acontecimento de Matto-Grosso (discursos)—Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1899.

Outras informações:—Como alumno da Escola de Minas de Ouro Preto, onde iniciou os seus estudos, Luiz Adolpho escreveu uma memoria acerca das occurrencias do ouro em Minas, que foi publicada nos Annaes do Museu Nacional.

Ao "Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro, tem por vezes, confiado a publicação de seus trabalhos avulsos.

Luiz da Costa Ribeiro

Nomes de seus paes.—Commendador Luiz da Costa Ribeiro e D. Anna Joaquina de Arruda Ribeiro.

Nome do lugar em que nasceu.—Poconé — Matto-Grosso.

Data do nascimento.—16 de Dezembro de 1857.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Auditor de guerra, juiz municipal e de orphãos do termo de S. Cruz de Corumbá, juiz de direito substituto da Capital; juiz de direito do Livramento, desembargador do Tribunal da Relação, onde exerceu varias vezes as funções de Presidente e Procurador Geral; Deputado á Constituinte estadual e em 1915 e 1926.

Titulos literarios ou scientificos.—Bacharel em direito pela Faculdade de Recife, membro effectivo e fundador do Instituto Historico de Matto-Grosso. Membro do Congresso Juridico e da Sociedade de Immigração Corumbaense.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—“O General Osorio” e “Um grito nas trevas”,—pamphletos, publicados em S. Paulo, quando estudante;

—Actualidade politica—mensagem ao povo mattogrossense —Cuyabá,—1890—Typ. d'A Gazeta.

A Immigração perante a Assembléa Legislativa Provincial de Matto Grosso—Typ. do Corumbaense—1886.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Mario Santerre. Saint Just e **

Alem de varios trabalhos forenses editados em folhêtos.

Jornaes ou revistas que tem dirigido ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—“Onze de Agosto” Nova Aurora “A Matraca” “Fraternidade Literaria,” “A Republica,” “A nova geração,” todos de S. Paulo; “O Oasis” de Corumbá, de que foi fundador, “A Gazeta,” “O Matto-Grosso” e a Revista Matto-Grosso”, de Cuyabá.

“O Corumbaense” de Corumbá; “A Situação”, “O Estado de Matto Grosso,” “A Colligação e ” Debate“ todos de Cuyabá.

Luiz d'Alincourt

Nomes de seus paes.—Luiz d'Alincourt, e D. Clara Rita Iphigencia d'Alincourt portuguezes.

Nome do lugar em que nasceu.—Oeiras, Portugal.

Data do nascimento.—17 de Fevereiro de 1787.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Major do exercito do corpo de engenheiros, exercendo diversas commissões de caracter scientifico.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—«Noticias interessantes sobre a parte meridional da provincia de Matto-Grosso;» Resumo das explorações feitas desde o registro de Camapuan até a cidade de Cuiabá.»—«Resumo das observações estatisticas feitas desde a cidade de Cuiabá até a villa de Paraguay Diamantino em 1826.—

«Reflexões sobre o Systema que se deve adoptar na fronteira do Paraguay; officio sobre a estatistica e despesa de administração da Provincia de Matto-Grosso de 1824 a 1825,» Mappa de reconhecimento praticado na fronteira de Casalvasco e Jaurú”

“Planta do forte Olympo Bourbon.”

“Quadros estatisticos da Provincia de Matto-Grosso “publicado nos Annaes da Bibliotheca vols. III^o e VIII^o “Reconhecimento do Rio Doce,” publicado na Rev. do Instituto. Hco. Geographico Brasileiro.

Manoel Esperidião da Costa Marques.

Nomes de seus paes.—Salvador da Costa Marques e D. Augusta Nunes Rondon Marques.

Nome do lugar em que nasceu—Poconé, Estado de Matto-Grosso.

Data do nascimento.—1859. Falleceu na cidade de Matto-Grosso, em 18 de Abril de 1906.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Foi um dos fundadores do Externato Matto-Grossense, em 1822.—Representou a Provincia na Camara dos Deputados, em 1888.—Deputado Provincial, varias vezes.

Titulos literarios ou scientificos.—Engenheiro de Minas, pela Escola de Minas de Ouro Preto.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Exploração dos rios Jaurú, Agua-pehy, Guaporé, Alegre.

--Projecto de vias de comunicação, Off. Avelino de Siqueira, 1899, Cuiabá, folheto de 104 paginas in. 8^o.

—Viagem e estudos sobre o valle do Baixo Guaporé, da cidade de Matto-Grosso ao Forte do Principe da Beira, Typ. Hildebrantt, Rio de Janeiro, 1908 (publicação posthuma, dirigida por seu irmão, Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques).

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio--bibliographicos.—
 "O Republicano," "O Matto-Grosso," de Cuiabá.

Manoel Paes de Oliveira

Nomes de seus paes.—José Sabo Alves de Oliveira e D. Francalina Paes de Oliveira.

Nome do lugar em que nasceu.—S. Luiz de Caceres (Matto-Grosso)

Data do nascimento.—11 de Julho de 1885.

Cargos que exerce ou tem exercido.— Escripturnario de Fazenda, Administrador da Mesa de Rendas de Macahé, Official de gabinete do Ministro da Fazenda, Delegado Fiscal em Paraná e em Matto-Grosso, Chefe de policia e Secretario do Interior, Justiça e Fazenda em Matto-Grosso e deputado estadual no mesmo Estado. Actualmente é deputado federal.

Titulos literarios ou scientificos:—Membro da sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Socio benemerito da Sociedade literaria do Collegio Militar, fundador e 1º Presidente do Gremio Literario da Faculdade de Sciencias Juridicas do Rio, occupando no Centro de Letras a cadeira nº 11 de que é patrono, José Barbosa de Sá.

Quaes os pseudonyms que tem usado?—Nenhum.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bi o-bibli o gra phi cos.—"A Aspiração" (Collegio Militar), "A Epoca", da Faculdade de Direito da qual foi fundador, "A Nova Epoca" de Cuiabá, da qual tambem foi fundador; "Correio da Manhã," "O Paiz," "Jornal do Commercio," e "Jornal do Brasil, di arios do Rio e na" Cruz e no "O Matto-Grosso," periodicos de Cuiabá.

Manoel Xavier Paes Barreto

Data do nascimento—24 de Agosto de...

Cargos que exerce ou tem exercido—Juiz de Direito no Estado de Espirito Santo.

Juiz Federal nas Seccões de Matto-Grosso e Amazonas.

Titulos literarios ou scientificos—Membro do "Centro Matogrossense de Letras". Bacharel em Direito pela Faculdade de Recife.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos.

- A Defesa do Rio Formoso — estudo historico
 - Simulação (Razões)
 - Executivo hypothecario (Razões)
 - Indemnisação de damno (Razões)
 - Recurso extraordinario (Razões)
- E varios outros trabalhos forenses, sentenças, razões etc.

Maria do Carmo Mello Rego

Nome do lugar em que nasceu.—Estancia de Lencho, departamento de Cerro—Largo (Uruguay)

Data do Nascimento. 1840? Titulos literarios ou scientificos. Escriitora.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos. -- "Guido" Rio de Janeiro, 1895; «Lembranças de Matto-Grosso», em 1897.

«Artefactos Indigenas de Matto-Grosso», em 1899.

Outras informações:—«Guido» são paginas de dôr em que a distincta escriptora, narrando com maternal carinho a bondade de coração e a intelligencia precoce de «Guido»—um interessante indiosinho—que fizera seu filho adoptivo deixa transparecer a sua grande magoa pelo seu desaparecimento.

Miguel Carmo de Oliveira Mello

Nomes de seus paes.—General João de Oliveira Mello e D. Maria José Villa-Forte Mello.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuyabá, Matto-Grosso

Data do nascimento —8 de Maio de

Cargos que exerce ou tem exercido.—Chefe de Policia ;

Secretario da Agricultura ; Fiscal da companhia do Urucum; Intendente e presidente da camara Municipal de Campo Grande; Deputado estadual.

Titulos literarios ou scientificos.—Engenheiro civil; Socio effectivo e fundador do Instituto Historico de Matto-Grosso e do Centro Mattogrossense de Letras.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos:—

«O Matto-Grosso», « O Correio do Estado» de Cuyabá ; «Correio do Sul,» de Campo Grande.

Nilo Póvoas

Nomes de seus paes. — Pedro Fernandes Póvoas e D. Galdina Virginio Póvoas.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuyabá, capital do Estado de Matto-Grosso.

Data do nascimento.—2 de Outubro de 1892.

Cargos que exerce ou tem exercido—Fiel de Thesoureiro dos Correios (1911 a 1915); Contador da Typographia official (1915 a 1917); Chefe de Secção de estatistica do Thesouro do Estado (1917 a 1924); Steno-dactylographo da Assembléa Legislativa e Professor cathedratico de Portuguez da Escola Normal (1925)

Titulos literarios ou scientificos.—E' advogado provisionado pelo Tribunal da Relação de Matto-Grosso, exercendo a advocacia no fôro de Cuiaba.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—A Politica de Matto-Grosso e a Intervenção Federal—1918—Typ. Calháo & Filho—Cuiabá— 1 vol com 135 pags.—These apresentada á Escola Normal de Matto-Grosso para o concurso de portuguez—1924—Escolas Profissionais Salesianas—Cuiabá,—1 vol com 102 pags.

—Jornaes ou revistas que tem dirigido ou em que tem colaborado: «O Povo», «O Municipio», «O Matto-Grosso», «Revista Matto-Grosso».— Redactor-chefe do Cuiabá,—Jornal e da Cuiabá—Revista (1920).

Octavio da Cunha Cavalcanti

Nome de seus paes—Feliciano da Cunha Cavalcanti e D. Rosa Amélia Cavalcanti de Arruda Camara.

Nome do lugar em que nasceu—Goyanna, Estado de Pernambuco.

Data do nascimento—18 Maio de 1884.

Cargos que exerce ou tem exercido—Juiz substituto em Gurupá —Promotor da Justiça em Bragança, Vigia e Breves, Estado do Pará, e actualmente juiz de Direito em Cuyabá, Matto-Grosso e chefe de Politica, em commissão.

Titulos literarios ou scientificos—Bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito do Recife. Membro da Officina Literaria Martins Junior e do Centro M. G. de Letras.

Quaes os pseudonymos que tem usado? Nenhum.

Assigna suas producções—Octavio Cunha.

Jonaes ou revistas que tem dirigido ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—«A Provincia,» Jornal do Recife: «O Pernambuco» (redactor), do Recife; «Provincia do Pará» e «O Jornal» de Belem; «Caethé» de Bragança, Pará, Revista da Academia do Recife; Rua do Ouvidor (revista) Rio; A Nova época (revista), «Debate» (redactor-secretario), «O Matto-Grosso», «o Gladiador» e a «Revista do Centro Mattogrossense de letras, todos de Cuyabá».

Oscarino Ramos

Nomes de seu paes.—Mariano Ramos e D. Rosa Ramos.
Nome do lugar em que nasceu—S. Luiz de Caceres (Matto-Grosso).

Data do nascimento. —1º de Novembro de 1891.

Cargos que exerce ou tem exercido—Promotor da Justiça da Comarca do Rosario, de Bella—Vista, de Tres Lagoas; Supplente de Juiz de Direito de Tres Lagôas e de Corumbá; Delegado especial nos municipios de Porto Murtinho e de Ponta-Porã; Promotor da Capital e é actualmente Juiz de Direito da Comarca de Rosario.

Titulos literarios ou scientificos.—Bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes e membro do «Centro Mattogrossense de Letras».

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação e seus caracteriscos: —Discurso de posse na cadeira nº 10 do Centro Matto-Grossense de Letras, na «Revista» do mesmo Centro, anno III nº V.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—J. Hemeras e O. Ramos.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos: —«O Cruzeiro,» e «Labaro,» de Cuiabá; «O Argos» de Caceres; «O Jornal,» de Cuiabá, e «O Argos,» «A Epoca,» de Tres Lagôas.

Outras informações:—Occupa no «Centro Mattogrossense de Letras» a cadeira nº 10, da qual é patrono Joaquim Murtinho.

Ovidio de Paula Corrêa

Nomes de seus paes.—Antonio de Paula Corrêa e D. Francisca Virginio Corrêa.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá, (Matto-Grosso).

Data do nascimento.—4 de Junho de 1878.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Tabellião de notas; Director da Typographia Official; Delegado de Policia de Cuiabá; Vereador Municipal, Director-Thesoureiro da Sociedade Mutua de

Peculios "A Matto-Grosso", Director do Thesouro do Estado e actualmente collector estadual de Campo Grande.

Titulos literarios ou scientificos.—E' socio effectivo do "Centro Mattogrossense de Letras.", e fundador do Instituto Historico de Matto-Grosso". Foi ultimamente Thesoureiro do "Centro Mattogrossense de Letras".

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus carateristicos:—Elogio do P. Ernesto Camillo Barreto— conferencia *in* Rev. do C. M. G. de Letras, anno II n° IV

Quaes os pseudonymos que tem usado? — Roderico Voia.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—Fundou "O Colibri," collaborou no "O Pharol," "O Matto-Grosso," "A Colligação," "A Reacção," "O Jornal," e "O Correio do Estado".

Outras informações.—Occupu no "Centro de Letras," em substituição ao socio Lewigildo Martins de Mello, a cadeira n° 5, da qual é patrono o Padre Ernesto Camillo Barreto.

Palmyro Pimenta

Nomes de seus paes.—João Antonio Pimenta e D. Francisca Edwiges Pimenta.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá (Matto-Grosso).

Data do nascimento—7 de Outubro de 1892.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Delegado de Policia de Cuiabá, Promotor da Justiça, tambem de Cuiabá, Juiz de Direito das Comarcas de Coxim e do Rosario, e actualmente Juiz de Direito de Poconé.

Titulos literarios ou scientificos.—E' socio fundador do "Centro Mattogrossense de Letras," e vem sendo reeleito 2° Secretario. Bacharel em Sciencias e Letras e em Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação desta e seus careteristicos:—Elogio de Veiga Cabral—conferencia—na Rev. do C. M. de Letras, anno III n° VI

Quaes os pseudonymos que tem usado:—Nenhum.

Jornaes ou revistas tem dirigido, ou em que tem collaborado: E outros quaesquer dados bio—bibliographicos.—Redactor da revista "Annaes Forenses," e collaborador dos periodicos "O Neophito" (1910), "O Academico," "A Epoca," (1912—1914), "O Povo" (1916—1917.)

Outras informações.—Occupu no "Centro," a cadeira n° 22 da qual é patrono Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral.

Philogonio de Paula Corrêa

Nomes de seus paes.—Antonio de Paula Corrêa e D. Francelina Virginio Corrêa.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá (Capital de Matto-Grosso).

Data do nascimento.—20 de Dezembro de 1886.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Professor e director do Lyceu Cuiabano e da Escola Normal de Cuiabá e Delegado de Matto-Grosso aos Congressos de Historia e do Ensino reunidos no Rio de Janeiro, em 1914 e 1922.

Titulos literarios ou scientificos—Bacharel em sciencias e letras, lente cathedratico de historia geral e do Brasil, socio fundador do «Instituto Historico de Matto-Grosso», e do «Centro Mattogrossense de de Letras,» e correspondente do «Instituto do Ceará».

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos: Discurso de paranymphe, publicado pelo Lyceu Salesiano em 1908; Proposta para a commemoração da descoberta do Brasil a 22 de Abril, apresentada no 1º Congresso Nacional de Historia e publicada no Tomo I do numero da Revista do I. Historico dedicado ao mesmo Congresso; Limites entre Matto-Grosso e Goiaz”, publicado em folheto e no 1º nº da Rev. do I. H. de M. Grosso; discurso de inauguração do I. Historico de M. Grosso, publicado no 2º numero da Revista d’essa sociedade; Conferencias: “O Papel da Maçonaria na independencia” e “José Estevão Corrêa”, nos. V e III das Revistas do Instituto Historico de Matto-Grosso e do Centro Mattogrossense de Letras.

Jornaes ou Revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—Tem collaborado nos seguintes jornaes:— «O Pharol,» «O Matto-Grosso,» «Correio do Estado.» (todos de Cuyabá) e nas revistas do Instituto Historico, e do Centro de Letras de Matto-Grosso.

Outras informações:—Occupa no «Centro de Letras» a cadeira nº 13, de que é patrono José Estevão Corrêa.

Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral

Nomes de seus paes.—Joaquim Giraldes Tavares da Veiga Cabral e D. Anna Theresa de Jesus.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá—Matto-Grosso.

Data do nascimento.—26 de Abril de 1800.

Falleceu em S. Paulo, em 1852.

Cargos que exerce ou tem exercido:—Juiz de fóra da Villa, depois cidade do Rio Grande do Sul, ouvidor da Comarca do Ceará, Auditor Geral do Exercito do Sul, Desembargador da Relação do Maranhão, Lente de Direito Civil da Faculdade de S. Paulo e Director interino da mesma.

Titulos literarios ou scientificos:—Doutor em leis pela Universidade de Coimbra.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Analyse dos direitos naturaes do homem inculto e selvagem, deduzidos do mesmo direito que rege toda a natureza creada, de que elle é parte—1853.—Memoria historica academica sobre os acontecimentos mais notaveis da Faculdade e desenvolvimento das sciencias sociaes e juridicas—1855.—Direito administrativo brasileiro—1858—Rio—Liv. Laemmert. 1 vol. com 641 pags.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Nenhum.

Ricardo Franco de Almeida Serra

Nome do lugar em que nasceu—Porto (Portugal).

Data do nascimento—1748.

Cargos que exerce ou tem exercido—Fez parte dos governos de successão, na Capital de Matto-Grosso, que se organizaram por morte do Capitão General João de Albuquerque, em 1796, e Manoel Carlos de Menezes, em 1705.—Commandante da Fronteira do Baixo Paraguay, repelliu em Coimbra a investida de D. Lazaro de Ribera, em 1801.—Como geographo, explorou as bacias hydrographicas do Madeira, Guaporé, Paraguay e affluentes.

Titulos literarios ou scientificos—Engenheiro militar.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos—Extracto da Descrição da Capitania de Matto-Grosso—R. I. H. G. B. Tomo VI.—Reflexões sobre a Capitania de Matto-Grosso—R. I. H. G. B. Tomo XII—Memoria sobre os indios Guaycurùs—R. I. H. G. B. Tomos VII e VII—Memoria sobre a Capitania de Matto-Grosso (1800) R. I. H. G. B. Tomo. II Navegação do Tapajoz para o Pará.—R. I. H. G. B. Diligencia ao rio Paraguay (Publicação official feita em Cuiabá; 1908)

Outras informações—Ricardo Franco de Almeida Serra, sendo capitão, foi designado para fazer parte da 3ª Partida Portugueza, que deveria demarcar a fronteira da barra do Jaurú ao Madeira de accordo com o Tratado de 1777. Chegando ao Grão Pará em 1780, occupou-se na exploração de varios affluentes do Amazonas, até que seguiu em 1782 para Matto-Grosso, fazendo de ca-

minho, o levantamento hydrographico do Madeira e Guaporé, de collaboração com J. J. Ferreira e os astrônomos Lacerda e Almeida e Silva Pontes. Com estes mesmos, ou sosinho, explorou os campos dos Parecis, as cabeceiras do Jaurú, do Barbados, do Juruena, e toda a região fronteirça entre a bocca daquelle rio e Villa Bella, seguindo depois, pelo Paraguay abaixo, até Bahia Negra e, rio acima, até Cuiabá.

Foi o mais completo sabedor das coisas de Matto-Grosso no seu tempo.

Promovido a sargento-mór a 31 de Dezembro de 1789, e a tenente coronel a 5 de Janeiro de 1792, conquistou as divisas de coronel a 23 de Maio de 1804, depois da heroica resistencia que oppoz-a D. Lazaro de Ribera, governador do Paraguay.

No Forte de Coimbra, onde se cobriu de glorias em Setembro de 1881, veiu a fallecer, oito annos depois, a 21 de Janeiro de 1889.

Soter Caio de Araujo

Nomes de seus paes.—Satyro Domingos de Araujo e D. Ignacia Maria da Gloria Araujo.

Nome do lugar em que nasceu—Corumbá—Matto-Grosso.

Data do nascimento.—22 de Abril de 1891.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Funcionario tecnico da E. F. Sorocabana e Engenheiro das obras contra as sêccas do Nordeste.

Titulos literarios ou scientificos Engenheiro civil pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro—Socio correspondente do Centro Mattogrossense de Letras.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Ex-tudo—Versos mathematicos—Rio—1916—1 volume in 8º com 273 pags. (só tem uma edição).

Quaes os pseudonymos que tem usado? João da Escola.

Ulysses Cuiabano

Nomes de seus paes.—João Luiz Pereira Cuiabano e D. Maria Luiza Pereira Cuiabano.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá (Matto—Grosso).

Cargos que exerce ou tem exercido.—Director do Grupo Escolar de Rosario Oéste, Director do Grupo Senador Azeredo de Cuiabá, Professor publico, Guarda livros.

• Titulos literarios ou scientificos.—Bacharel em Sciencias e Letras, membro do Centro Mattogrossense de Letras, poeta.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Nenhum.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou que tem collaborado. E outros quaequer dados bio-bibliographicos.—Um dos fundadores do “O Jornal”, de Cuiabá, collaborou no “Correio do Estado”, “A Violeta”, “A Reacção”, “Revista do Centro Mattogrossense de Letras”, revista “A Nova Epoca”, e o jornal “O Neophito”.

Outras informações:—Tem um livro de poesias inedito intitulado “Phaleras”.

Por haver mudado de residencia passou a socio correspondente do “Centro Mattogrossense de Letras”.

Victal Baptista de Araujo

Nome do lugar em que nasceu.—Santa Catharina, tendo vindo muito jovem para Cuiabá.

Data do nascimento...

Falleceu em 21 de Setembro de 1915.

Cargo que exerce ou tem exercido.—Director da Typographia Official, e Deputado á Assembléa Legislativa.

Titulos literarios ou scientificos—Jornalista.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Reflexões criticas sobre a revolução de Matto-Grosso—1893—Villa Concepcion—Imprensa do “El eco de la campana”—I vol.—com 55 pags.

Quas os pseudonymos por tem usado?—Nenhum.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaequer dados bio-bibliographicos.—Fundou em 1888 “A Gazeta,”—orgão de propaganda republicana. Collaborou na “A Situação,” n “O Espectador.”

Virgilio Alves Corrêa Filho

Nomes de seus paes.—Virgilio Alves Corrêa e D. Ignez Augusta Leverger Corrêa.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá.

Data do nascimento.—8 de Janeiro de 1887.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Auxiliar tecnico da Rep. de Obras Publicas do Rio de Janeiro—1907; engenheiro chefe de E. F. Itapura—Corumbá—1909; Delegado de M. Grosso na Exposição Nacional de 1908; Engenheiro da estrada da Chapa-

da—1910; Engénheiro residente da E. F. Maricá—1911; Engenheiro chefe de Secção da E. F. C. B. prolongamento da bitola larga de Lafayette a Bello--Horisonte—1912; Engenheiro residente da E. F. C. B. no ramal de Marianna a Ponte Nova--1913; Engenheiro Chefe da Contrucção da Ponte sobre o Rio Grande, na linha da Mogyana, entre Igarapava e Uberaba—1915; Professor de portuguez na Escola Normal e de mathematica, geographia e historia natural no Lyceu Cuiabano—1919—1920; Director da Repartição de Terras—1921; Secretario do Interior em 1922—1923; Geral em 1924—1925; actualmente engenheiro do Serviço de Obras Novas, S. Paulo.

Titulos literarios ou scientificos—Engenheiro Civil pela Escola Polytechnica, turma de 1909. Socio fundador do Instituto Historico de Matto Grosso e do Centro Mattogrossense de Letras.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação, destas, e seus caracteristicos:—

«Relatorio sobre a estrada da Chapada» edição Gazeta official 1910.

«Matto-Grosso,» edição do Jornal do Commercio -1922.

«Questões de terras,»—1923.

«Notas a margem,» edição do Est. S. Paulo—1924.

«Discurso no Instituto Historico de M.-Grosso»—1925.

«As raias de Matto-Grosso»--edição Est. S. Paulo 4 volumes--1925—1926

Monographias Cuyabanas—(5 Vols. publicados)

«Politica de Matto Grosso» (serie de 6 volumes).

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio—bibliographicos. —«Collição»—«A Cruz», «O Correio do Estado», «O Matto-Grosso»—de Cuyabá; «A Tribuna» de Corumbá; «Revista do Centro,»—Instituto—H. Matto-Grosso. Rev. da Sociedade Rural, S. Paulo; «Jornal do Commercio» do Rio.

RELATORIO

APRESENTADO AO

CENTRO MATTOGROSSENSE DE LETRAS

pelo seu Presidente

Desor. José de Mesquita

relativo ao anno social 1926--1927

Meu caríssimos consocios:

Pela sexta vez me é dado, na qualidade de Presidente deste Centro, relatar-vos os acontecimentos registados em nossa vida social e é com viva satisfação que o faço, pois o anno que ora se encerra representa mais uma phase no crescente progredir em que vêmos evolver o nosso querido gremio.

Eis porque, posto reconheça, sem falsa modestia, a minha insufficiencia para tão alta investidura, folgo em averiguar que a nossa nau vai singrando, por meia duzia de annos, um mar de rosas, sob céu de bonança e impellida por ventos favoraveis, o que bem nos testifica da sua bôa qualidade, podendo-se apreçar o que não seria si, como vos tenho feito ver, lhe houvesseis posto ao timão outro que melhor do officio conhecesse.

Ainda uma vez aqui estou—já que o quizestes—e tudo farei que possa pela prosperidade do nosso Centro.

GALA

Occorrença jubilosa, evento memoravel e por isso mesmo para logo notado nesta retrospectão de factos, é, sem duvida, a eleição do nosso preclaro Presidente de honra D. Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuyaba, para a Academia Brasileira de Letras, na vaga do saudoso Lauro Müller.

O Centro já lhe prestou a homenagem do seu carinho em memoravel sessão realizada a 21 de Maio ultimo; a nossa sociedade, pelos seus órgãos verdadeira-

mente representativos, solidarizada na mesma admiração, offereceu-lhe, a 10 de Junho pp., um banquete, em que teve como porta-voz o Dr. Leonidas de Mattos, lidino representante do talento, da geração actual; de todo o Estado, do Paiz todo, innumeras e significativas manifestações lhe hão sido dirigidas, todas ellas dizendo da satisfação com que os nossos intellectuaes acolheram essa felicissima escolha.

Muito não é, pois, que, no leve registo desta exposição, destinada a archivar os acontecimentos de nota em nossa vida collectiva, fique, como em pagina de ouro, engalanada e risonha, para todo sempre marcada essa ephemeride em nossos annaes.

LUCTO

A par da gala—o lucto: é da logica inflexivel da vida, que, no dizer do poeta “se tece de mil mortes.”

Como para contrapesar a justa alegria que nos trouxe a referida occorrença, tres vezes a falcifera Parca visitou o nosso Centro, tres claros se. abriram, dentro de um anno, em nossas fileiras.

A 25 de Setembro do anno passado perdemos o socio correspondente no municipio de Santo Antonio do Rio Abaixo Advogado Pedro Trouy; a 7 de Março do anno corrente o tambem socio correspondente em Florianopolis Chrispim Mirau estupidamente assassinado, na propria redacção do jornal que dirigia e, finalmente, a 12 de Maio deste anno, o nosso inolvidavel companheiro desde a fundação deste Centro, o velho Professor José Magno da Silva Pereira.

Pedro Trouy foi, na ordem chronologica, dos primeiros correspondentes do “Centro,” escolhido em sessão de 18 de Dezembro de 1921, e comquanto o seu concurso, devido á enfermidade que já lhe vinha minando o organismo, não tivesse correspondido ao que

delle tinhamos o direito de esperar, ainda assim muito lamentavel foi para nós o seu desaparecimento, que veio determinar a primeira vaga no quadro dos correspondentes.

Chrispim Mira, eleito em sessão de 5 de Dezembro do anno p.p., nem sequer lhe foi dado empossar-se em suas funcções, pois o brutal attentado que o victimou, enlutando a imprensa catharinense e de todo o Brasil, não deu tempo ao menos que pudesse responder a communição que lhe fôra feita.

Esta Presidencia, em officio de 12 de Abril ultimo, apresentou os sentimentos do "Centro" á intellectualidade do seu Estado, por intermédio da "Folha Nova", o brilhante orgam por elle fundado e dirigido.

José Magno da Silva Pereira era uma tradição de nossa cultura, uma verdadeira reliquia do nosso jornalismo, uma das expressões typicas de uma geração das mais brilhantes que passaram pelo tablado da nossa mentalidade literaria e politica.

A' dôr geralmente causada pela sua morte associou-se o "Centro", de que era socio effectivo desde 19 de Junho de 1921, havendo esta Presidencia designado para representar-nos no enterramento uma Comissão composta dos socios João Cunha, Miguel Mello e Franklin Cassiano.

Prestou-lhe ainda o "Centro", no ultimo numero da Revista, sentida homenagem, em bello artigo firmado pelo nosso illustre confrade Isác Póvoas.

SÓCIOS NÓVOS

Opulentou-se o Centro com a aquisição de novos e valiosos elementos, muitos dos quaes já integrados ao seu quadro social e prestando-lhe o contributo de sua actividade dedicada.

Assim é que para a vaga da cadeira nº 19 fundada por José Magno elegeu-se, a 15 de Agosto findo, o nosso talentoso conterraneo Dr. Allyrio de Figueiredo, poeta, jornalista e cultor do direito, que, na qualidade de socio correspondente, já vinha, desde 1924, nos dando o seu concurso sempre solícito, em formosas produções que exornam as paginas da Revista do Centro.

A sua posse deverá realizar-se a 10 do fluente, recobendo-o em nome da corporação o nosso illustrado consocio Cesario Netto.

O quadro dos correspondentes acha-se quasi completo com a eleição de delegados nas varias capitães dos Estados em que o "Centro" não possuia ainda representantes.

Era de ha muito nosso desejo integrar a lista dos socios correspondentes nos Estados, tornando assim mais efficiente a propaganda do Centro e o intercambio intellectual tão necessario á reciproca e perfeita comprehensão entre as varias unidades federativas.

Objectivando essa aspiração, fôram propostos e acceitos, em sessão de 5 de Dezembro de 1926, sócios correspondentes do "Centro" os escriptores cujos nomes se seguem :

Gaspar Guimarães—Manaus
Henrique Santa Rosa—Belem
Domingos Barbosa—São Luiz
Abdias Neves—Terezina
Antonio Salles—Fortaleza
Henrique Castriciano—Natal
Carlos D. Fernandes—Parahyba
Mario Sette—Recife
Adalberto Marroquim—Maceió
Cicero Sampaio—Aracajú
Elpidio Pimentel—Victoria

Mucio da Paixão—Nyetheroy
Alcides Munhoz—Curitiba
Chrispím Mira—Florianopolis
João Pinto da Silva—Porto Alegre
Sebastião Fleury Curado—Goyaz

Deixaram de ser propostos correspondentes para as capitães dos Estados da Bahia, S. Paulo e Minas, bem como para a Capital da Republica, por já possuir o Centro delegados nessas localidades.

Dos socios que constam da nominata supra já responderam, acceitando a sua indicação, os Snrs Abdias Neves, do Piauhy, Mario Sette, de Pernambuco, Elpidio Pimentel, do Espirito Santo e Alcides Munhoz, do Paraná.

Excusaram-se os Srs. Cicero Sampaio, de Sergipe, allegando circumstancias que o inibem de exercer o cargo e João Pinto da Silva, do Rio Grande do Sul, por haver transferido a sua residencia para o Rio de Janeiro.

FESTAS E REUNIÕES

Duas bellas sessões festivas realizou o "Centro" no anno social expirante: a primeira a 7 de Novembro, offerecida ao escriptor Sylvio Floreal, com o concurso apreciavel dos Gremios "Julia Lopes" e "Castro Alves" e a segunda a 21 de Maio deste anno, em honra do nosso illustre coufrade D. Aquino Corrêa, pela sua justissima escolha paea membro da Academia de Letras.

Não faltou ás nossas festas o carinhoso amparo da culta sociedade cuyabana e o generoso e brilhante concurso das nossas graciosas patricias que, na declamação e no piano, têm sido a alma gentil dos nossos sa-raus de arte.

Não posso deixar de salientar a alta significação e o brilho extraordinario de que se revestiu a fes-

ta de 21 de Maio, honrada pela presença do nosso primeiro magistrado e das mais altas autoridades da União, do Estado e do Municipio, accordes todos em expressar a sua solidariedade ao Centro no preito ao insigne mattogrossense a quem por primeiro franqueou a Academia os humbraes da immortalidade.

Dizer do que foi essa festa, que só encontraria similar, talvez, na sessão inaugural do Centro, não é tarefa para nós, coarctados por uma natural suspeição.

Fale, entretanto, toda a imprensa cuyabana, unanime no referir-se encomiasticamente ao sarau de homenagem. Proclame-o a opinião publica em que essa festa deixou, em sulcos inextinguiveis, a mais duradoura e profunda impressão.

VISITAS HONROSAS

Recebeu a nossa capital o anno passado duas visitas dignas de especial menção neste relatorio: a de um artista e a de um escriptor.

Quero referir-me ao tenor João Cavalieri o *Pequeno Curuso* e a Sylvio Floreal, literato paulista que percorria Matto-Grosso a cata de impressões para o seu livro.

A ambos acolheu o "Centro" com o carinho que, de justiça, lhes era devido, tendo um e outro feito o seu primeiro concerto e conferencia sob os auspicios desta sociedade, cabendo-me, nas duas circumstancias, á tarefa desvanecedora de, a convite dos mesmos, apresental-os ao publico.

De uma e outra feita a nossa cidade se houve de molde a confirmar os seus foros de culta e hospitaleira, levando os nossos illustres visitantes a mais agradavel impressão da capital mattogrossense.

A REVISTA

Com a pontualidade costumeira fôram distribuidos em Janeiro e Julho pp. os numeros XI e XII da Revista do Centro, correspondentes ao primeiro e segundo semestre de 1927.

A sua impressão continua a ser feita satisfatoriamente nas Officinas Profissionaes Salesianas.

SÉDE E BIBLIOTHECA

Continua o Centro a ter a sua sede no edificio estadual onde funciona a Directoria Geral da Instrucção Publica, em sala cedida pelo então Presidente do Estado D. Aquino Corrêa e aparelhada para esse fim pelo então Secretario Geral do Estado Dr. Virgilio Corrêa Filho—ambos nossos prestimosos confrades.

Bastante escasso foi o numero de obras accrescidas este anno á nossa Bibliotheca, pois para um total de 850 obras e 1168 volumes accusado um anno atraz, regista presentemente o nosso catalogo 871 obras e 1194 volumes, representando um augmento de 21 obras e 26 volumes.

Contribuiu para esse estacionamento a situação anormal por que atravessou esta cidade de Outubro de 1926 a Fevereiro deste anno, com a incursão dos revolucionarios no Estado, circumstancia esta que tudo desorganizou, quando não paralysoou, durante cinco mezes em nossa terra.

SESSÕES

Pelo mesmo motivo a que se alludiu ainda ha pouco, tratando da bibliotheca, reduzido foi o numero de sessões ordinarias effectuadas pelo "Centro".

Além da sessão de posse da Meza, ha um anno precisamente, realizou o "Centro" mais tres sessões, uma a 5 de Dezembro de 1926 e as outras a 13 de Março e a 15 de Agosto do corrente anno, sendo nesta ultima eleita a Directoria que hoje se empossa nos seus cargos.

PESSOAL ADMINISTRATIVO

Permanece nas funcções de nosso Bibliothecario o dedicado confrade Antonio Fernandes de Souza, cuja operosidade assaz conhecida excusa vos enaltecer.

Para o cargo de Zelador, vago pelo fallecimento, a 14 de Abril ultimo, do Sr. Francisco Pontes, nomeei, de accordo com as attribuições que me confere o Regimento Interno, o Sr. Joaquim de Mendonça, que já exercêra anteriormente esse cargo e vai dando regular desempenho ás funcções de que se acha incumbido.

RELAÇÕES OFFICIAES

Revestiram-se da mesma cordialidade já registada em anteriores relatorios as relações deste "Centro" com os poderes publicos do Estado, da parte dos quaes não faltou o necessario concurso ao ncsso desenvolvimento, concretizado na dotação orçamentaria de 2:400\$ annuaes. destinada a auxiliar a vida economica do "Centro".

Mais uma vez o nosso gremio se sentiu honrado na pessôa de um dos seus membros, o ncsso illustre confrade João Cunha, a quem distinguiu o Governo do Estado com a nomeação para o elevado cargo de Secretario dos negocios de Interior, Justiça e Fazenda.

Em sessão de 13 de Março foi apresentada e votada, por unanimidade, uma moção de congratulações

com o nobre consocio, moção que lhe foi entregue, em audiencia especial, por uma commissão constituida pelos nossos dignos companheiros Oscarino Ramos, Antonio Fernandes de Souza e Isac Póvoas.

SITUAÇÃO FINANCEIRA

Com a retirada desta Capital, em Fevereiro do corrente anno, do socio Ovidio de Paula Corrêa, que vinha desempenhando proficientemente as funcções de Thesoureiro, manteve-se á frente da gestão financeira do "Centro" o procurador Sr. Benedicto A. Lodom, que, como anteriormente, revelou a mesma dedicação e actividade nos serviços que lhe são affectos.

Junto encontrareis o balanço annual com os respectivos documentos de receita e despesa do qual se verifica um saldo a favor do "Centro" de 2:335\$456 não existindo actualmente compromisso algum a saldar, pelo que concluireis sêr, senão prospera, pelo menos folgada a situação financeira do "Centro".

Aproveitando tal circumstancia, pretendo ainda este anno dar começo á publicação da serie de autores e obras mattogrossenses editada pelo "Centro" a iniciar-se com o volume de versos de José Thomaz, patrono da cadeira nº 16.

CONCLUSÃO

Estas, meus illustres confrades, são as informações que acerca da vida e actuação da nossa querida sociedade me cabe apresentar-vos, no cumprimento da obrigação que me impõe a qualidade da vossa Presidente.

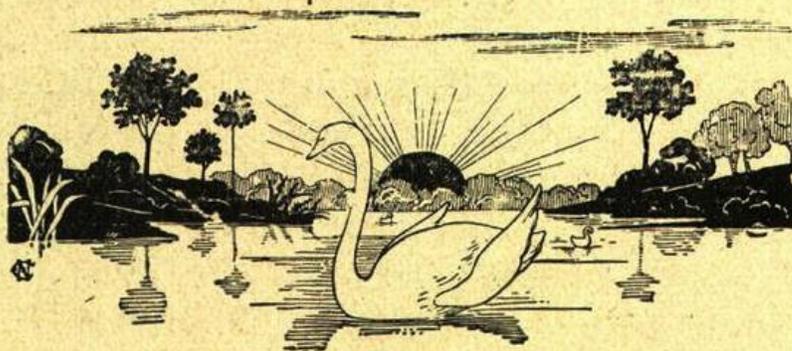
Ao terminar esta breve exposição, sinto-me no dever de externar-vos a minha gratidão pela desvanecedora confiança com que me honrastes mantendo-me

neste posto, e, ao mesmo tempo, pelo auxilio leal e continuamente prestado a esta Presidencia,—auxilio em que vejo o mais seguro garante de nosso progredir—e peço-vos que me não falheis jamais com esse valioso e imprescindivel amparo, graças ao qual espero conseguir o nosso grande objectivo, que outro não é sinão o de elevar cada vez mais, pela intelligencia e pela cultura, o nome mattogrossense.

Cuyabá, 7 de Setembro de 1927.

José de Mesquita

Presidente



Publicações Recebidas

Recebemos e agradecemos

I.—*Livros e folhetos:*

D. Aquino Corrêa—Discursos Rio Edic. do Annual do Brasil, 1927.

José de Mesquita—Terra do berço—Cuyabá. E. Prof. Sal. 1927.

Francisco Negrão—Genealogia Paranaense—Curitiba, 1927.

Conde Revlentow tradutor *J. Quintanilha*—A Alemanha no Tribunal de Justiça, 1927

Alcides Munhoz—Folhas cadentes, Curityba, 1927

II—*Revistas:*

Revista da Academia Brasileira de Letras—nº 67 a 70

Revista do Instituto do Ceará Tomo XLI 1927

Revista da Academia de Letras do Paraná—Anno

II nº III

Vida Capichaba—Anno V—nºs 95 a 105

Festa—Mensario de pensamento e de arte Anno I

nº 2

A Violeta—Orgam do Gremio Julia Lopes—Cuyabá

Tornaes:

Folha Nova—Florianopolis

Correio do Sul

Jornal do Commercio

} Campo-Grande

A Noticia
Gazeta do Commercio } Tres Lagoas
O Razão-Caceres

A Tribuna }
A Cidade } Corumbá
O Progresso -- Ponta-Poran
Gazeta Official
Matto-Grosso
O Democrata
A Cruz
A Capital
A Plebe
A Crysallida
A Semana
O Pequeno Mensageiro
O Ferrão
A Penna Evangelica } de Cuyabá

BANCO DO BRASIL

Capital 100.000:000\$000
Fundo de reserva 131.456:715\$571

Nove ultimos dividendos (semestrais) :20\$000 por acção
(20% annuaes)

Agencias — Albuquerque Lins — Bagé — Bahia — Barbacena — Barretos — Baurú — Bebedouro — Bello Horizonte — Cachoeira — Camocim — Campina Grande — Campinas — Campo Grande — Campos — Carangola — Cataguazes — Catanduva — Chavantes — Corumbá — Curitiba — Cuiabá — Feira de Sant'Anna — Florianopolis — Fortaleza — Franca — Garanhuns — Guaxupé — Ipamery — Ilhéos — Itabuna — Jahu — Jequié — Joazeiro — Joinville — Luiz de Fôra — Livramento — Macahé — Maceió — Maranhão — Mosoró — Natal — Pará — Parahyba — Paranahyba — Pelotas — Penedo — Pracicaba — Ponta Grossa — Porto Alegre — Recife — Ribcirão Preto — Rio Branco (Acre) — Rio Branco (Pernambuco) — Rio Grande — Rio Preto — Santo Amaro — Santos — S. Felix — S. João da Boa Vista — S. José do Rio Pardo — S. Paulo — Taquaritinga — Theophilo Ottoni — Therezina — Tres Corações — Tres Lagôas — Uberaba — Uruguayana — Varginha — Victoria.

Agentes — Nas demais praças commerciaes do Paiz e nas principaes do exterior.

Taxas para depositos:

Conta corrente de movimento 3% ao anno
cem, l'cem, limitaça até 20:000\$ 5% ao anno

Conta de prazo fixo:

de 3 mezes 3% ao anno
de 7 mezes 4% ao anno
de 9 mezes 5% ao anno
de 12 mezes 6% ao anno

Conta de aviso pr-vio: (variavel)

Letras a premio:

até 3 mezes 3% ao anno
de 4 a 6 mezes 4% ao anno
de 7 a 9 mezes 5% ao anno
de 10 a 12 mezes 6% ao anno

Correspondencia — Em portugûes, francês e inglês.

Codigos — «A B C» (5ª e 6ª edições) — «Ribeiro» — «Borges» — «Broomhall's» — «Lieber's» — «Peterson's» — «AZ» francês — «Western Union» — «Bentley's» — «Al Code» — «Brasileiro Universal» — «Brasil» e Particulares.

Endereço telegraphico — «Satellite» — (Matriz e Agencias).

Matriz: — Rua 1ª de Março n° 65 — Rio de Janeiro

Pharmacia Americana

DE

H. Oliveira & Rondon

Rua 13 de Junho, 181 (esquina). Teleph., 32.

Grande sortimento de drogas e preparacões pharmaceuticas nacionaes e estrangeiros.—Sortimento completo de Homeopathia em tinturas e globulos.

Preços modicos

Consulterio Medico Permanente

Dr. Caio Corrêa—das 15 às 17 horas

CUIABÁ—MATTO-GROSSO.

Irmãos Miraglia

Casa de joias e relógios
e artigos de optica
Officinas de relojoeiro
e ourives.

Bolsas de prata
Brilhantes mattogrossenses

Rua 13 de Junho 27

TELEPHONE 244

CAIXA POSTAL 43

Dr. Athayde de Lima Bastos

Medico

Consultorio—Pharmacia Central das 10 às 11
e das 5 às 17 horas
Residencia Rua 13 de Junho.

Tel. 225

Attende chamados a
qualquer hora do dia e
da noite.